

U. PORTO

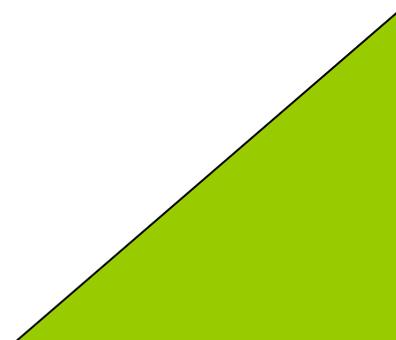


FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A importância do Futebol de Rua na formação de jogadores de Futebol de excelência

Bruno Pires

Porto, 2009



A importância do Futebol de Rua na formação de jogadores de Futebol de excelência

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento - opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Dr. Jorge Pinto

Autor: Bruno Pires

Porto, 2009

Provas de Licenciatura

Pires, B. (2009). A importância do Futebol de Rua na formação de jogadores de Futebol de excelência. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL DE RUA, JOGO, FORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, RELAÇÃO COM BOLA, CRIATIVIDADE, PRÁTICA

AGRADECIMENTOS

Escrever esta monografia foi o desafio final após vários anos de estudo, experiência profissional e vivência pessoal. E porque não posso considerar todo este processo como algo particular, gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos aqueles cujo conhecimento, apoio e amizade tornaram possível a conclusão desta etapa da minha vida.

Ao Professor Jorge Pinto por toda a disponibilidade, conhecimento e compreensão demonstrada. Professor o meu eterno agradecimento.

Ao Professor Vítor Frade, por tudo aquilo que me ensinou e que, por tudo o que continua a saber e a transmitir, é um exemplo de dignidade profissional e pessoal a ser seguido.

Aos meus pais pela paciência e compreensão em momentos difíceis. Por todo o amor, apoio e educação que me deram sempre que precisei.

Aos meus amigos de toda e para toda a vida, Diogo e Tiago Guincho, Ângelo, Capó, Daniel Botas, Polido, Mita.

A ti Joana...que nunca esquecerei!

INDICE

AGRADECIMENTOS	I
ÍNDICE	III
RESUMO	V
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1. O futebol enquanto Jogo Desportivo Colectivo	5
2.2. A especificidade do futebol	6
2.3. Do talento para a prática, caminho para o sucesso	8
2.4. O Futebol de rua	10
2.4.1. Rua o berço dos jogadores de Excelência	10
2.4.2. Rua, bola, obstáculos, que relação?	12
2.4.3. Liberdade e criatividade em perigo	15
2.4.4. Imitação dos ídolos	18
2.4.5. Paixão, prazer pela prática	19
2.4.6. Desaparecimento do futebol de rua, uma problemática	21
3. HIPÓTESES	23
4. MATERIAL E MÉTODOS	25

4.1. Caracterização da amostra.....	25
4.2. Metodologia de pesquisa.....	26
4.3. Recolha de dados.....	27
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	29
5.1. O primeiro contacto com a bola, que relação?	29
5.2. Rua como Denominador Comum	30
5.3. Prática e talento duas faces da mesma moeda... ..	32
5.4. A Paixão, gosto e prazer como rampa de um sonho	33
5.5. Imitação, o futuro diante dos olhos.....	35
5.6. Formação e futebol de rua – Pratos de uma balança equilibrada?.....	36
5.7. Futebol de rua a desaparecer, excelência em perigo	38
6. CONCLUSÕES	41
7. SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS.....	45
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
9. ANEXOS.....	53

RESUMO

O Futebol de Rua foi durante tempos a primeira e única escola de formação dos jogadores de futebol. Hoje em dia raramente se vê na rua crianças a jogar futebol, a descobrirem sozinhos, os segredos e curvas da bola, a desviarem-se dos adversários mas também dos buracos, das pedras, do lixo, das irregularidades que lhes aparecem (in)oportunas pelo caminho, a adquirirem uma hipersensibilidade através de uma prática constante. Perante uma extinção que se avizinha, torna-se vital transportar a essência e riqueza do Futebol de rua para os clubes e escolas com o intuito de não se perder tudo de bom que da rua advêm e assim maximizar os efeitos da aprendizagem.

No presente estudo, foi seleccionada, sistematizada e discutida informação relativa ao fenómeno Futebol de rua e respectivas implicações na formação de jogadores, procurando-se responder aos seguintes objectivos:

- 1) Verificar se o Futebol de rua é um denominador comum nos jogadores de excelência e perceber a importância que teve na sua formação;
- 2) Identificar e caracterizar as particularidades do Futebol de rua e a riqueza que daí advêm;
- 3) Perceber de que forma o desaparecimento do Futebol de rua pode e deve ser introduzido e colmatado na formação dos jogadores nos clubes.

Para tal, além de uma pesquisa bibliográfica e documental, recorreu-se à realização de várias entrevistas a 4 jogadores de excelência.

O resultado permitiu retirar as seguintes ilações:

- a) O Futebol de rua foi uma prática vivenciada por todos os jogadores de excelência entrevistados, todos eles referem-na de primordial importância;
- b) O Futebol de rua está a desaparecer e com ele toda a sua inegável riqueza que poderá levar a um menor aparecimento de jogadores de excelência.
- c) O Futebol de rua e sua formação em clubes, ainda que em períodos diferentes são igualmente importantes na formação de jogadores de excelência ;
- d) Os Clubes (principalmente as escolinhas) deverão assumir um papel cada vez mais importante no colmatar da progressiva extinção do futebol de

rua, devendo para isso mudar algumas das suas directrizes, direccionando a sua atenção/preocupação para a formação do jovem jogador, criando-lhe situações em que a lógica subjacente ao futebol de rua esteja presente.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL DE RUA, JOGO, FORMAÇÃO, APRENDIZAGEM, RELAÇÃO COM BOLA, CRIATIVIDADE, PRÁTICA

1. INTRODUÇÃO

*“Este livro não serve para jogar futebol.
Serve para saber que para jogar futebol não servem os livros.
Servem apenas os jogadores ...
e às vezes nem eles, se as circunstâncias não o ajudam.”
(Jorge Valdano, 1997: 109 e 110)*

O que têm em comum jogadores como Péle, Di Stefano, Pushas, Maradona, Cruyft, Ronaldinho Gaucho, Zidane, Eusebio, e nos dias de hoje Messi, Cristiano Ronaldo e KáKá? À primeira vista verificamos que são jogadores de futebol, mas são jogadores “normais”? Facilmente respondemos que não, são jogadores de excelência. Mas de que modo conseguiram (ou conseguem, ainda) ser tão bons. Contudo, a questão certa a colocar não é “como conseguem ser tão bons”, mas sim, “como se tornaram tão bons”.

E o que tem eles mais em comum? Quando e mais importante, onde tiveram eles o primeiro contacto com a bola? Na rua, sim, esse local que os potenciou uma relação com a bola que mais parece uma extensão do corpo.

A bola era em princípio feita com uma meia cheia de trapos, uma de borracha ou então daquelas das lojas dos “300”. As balizas eram feitas com pedras. As regras eram feitas por quem jogava. E os jogos quase sempre não tinham horas ou resultado para terminar, o que muitas vezes levava a lutas renhidas para a conclusão do jogo. Para não estragar o calçado por vezes, jogavam descalços. Não eram poucas as vezes que se chegava a casa com os dedos todos esfolados. Raramente existe interferência de adultos senão muitas vezes à assistir às grandes contendidas, incentivando e comentando, entre eles que um ou outro seriam mais tarde jogadores profissionais.

Não existem quites caros de equipamentos, mas não se deixa de durante os jogos de se identificar os melhores do mundo. Este é, em nosso entender, o verdadeiro futebol de jovens.

Tendo esta modalidade um grande impacto sociocultural e desportivo, isto provoca uma enorme atracção para a sua prática, e normalmente, é na rua que, por hábito, começa a paixão e o gosto pela prática do Futebol, sendo “iniciada por muitos praticantes de forma absolutamente espontânea, sem qualquer base

teórica nas orientações para a sua aprendizagem” (Ramos, 2003). Este período que geralmente antecede a entrada em clubes, revela-se de extrema importância no desenvolvimento do jogador com a relação com a bola e com o conhecimento do Jogo. Todavia, mais do que lamentar o facto (extinção do Futebol de rua), importa reconhecer e aproveitar o “fermento” que torna essa actividade tão rica, nas condições que propicia ao desenvolvimento das habilidades para jogar(Garganta, 2006).

Na consecução deste trabalho, para além de se proceder à revisão da literatura, de forma a conhecer todos os aspectos relacionados com a problemática em questão, será efectuada uma entrevista aberta a alguns jogadores e ex-jogadores de nível superior, procurar-se-á perceber de que modo a riqueza do futebol de rua tem influencia nos jogadores, na sua relação com a bola e com o Jogo e se o seu possível desaparecimento tornara o futebol mais empobrecido.

Deste modo, com o presente trabalho pretende-se caracterizar algumas das particularidades do Futebol de rua que se identificam na sua prática e que se podem assumir como referenciais para o processo de ensino-aprendizagem do Futebol, principalmente ao nível das aprendizagens motoras da relação com a bola, um bom controlo da bola, traz consigo muitas vantagens. Acima de tudo poupa tempo e assim fornece o espaço necessário para realizar a acção seguinte. Quanto mais rápido for o controle da bola, menos oportunidade terá o oponente para disputar a sua posse. A prática é a chave a aquisição do controlo que nos parecem desfasadas das necessidades reais e específicas das crianças que iniciam actualmente a prática do Futebol em escolas e clubes.

Face ao enunciado, definimos os seguintes objectivos:

Objectivos Gerais:

- Verificar se o Futebol de rua é um denominador comum nos jogadores de excelência;
- Analisar qual a respectiva importância para a sua formação ;

Objectivos Específicos:

- Identificar e caracterizar as particularidades do Futebol de rua (riqueza que daí advêm);
- Referir as implicações para o processo de ensino-aprendizagem do jogo que derivam dessas particularidades do Futebol de rua;
- Identificar as consequências que advêm do desaparecimento do Futebol de rua, nomeadamente na qualidade da formação dos jogadores (criatividade e liberdade);

O presente estudo será estruturado em nove pontos:

- 1) O primeiro ponto, a “introdução”, onde apresenta e justifica a pertinência do estudo, delimita o problema e defini os objectivos.
- 2) No segundo ponto é feita uma revisão da literatura relacionada com o tema.
- 3) No terceiro ponto são colocadas as hipóteses.
- 4) O quarto ponto descreve o material e a métodos adoptados.
- 5) No quinto ponto, apresenta e analisa as entrevistas, estabelece uma relação entre a literatura e o que os entrevistados pronunciam.
- 6) No sexto ponto, apresenta as conclusões.
- 7) No sétimo ponto colam-se sugestões para futuros trabalhos
- 8) No oitavo ponto, serão anexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores.
- 9) No nono ponto, apresentam-se todas as entrevistas efectuadas

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. O futebol enquanto Jogo Desportivo Colectivo (JDC)

Segundo Teoduresco (1984), os JDC constituem uma das mais importantes partes da actividade desportiva, representando “uma forma de manifestação, com carácter lúdico, do exercício físico, com um valor educativo especial”. Para compreender a noção de jogo desportivo colectivo entendemos necessário destacar algumas características que contribuem para uma formação multilateral da criança:

- Aciclicidade técnica;
- Carácter complexo da técnica (sujeitos a variações de ritmo, intensidade e amplitude gestual);
- Atenção distributiva (selecção de uns estímulos em detrimento de outros);
- Incidência morfológico – funcional (solicitações motoras diversificadas que produzem efeitos acumulativos);
- Participação psíquica intensa (é exigido aos jogadores grande controlo emotivo);

Tal como nos restantes JDC, no jogo de futebol o primeiro problema que se coloca ao jogador é sempre de natureza táctica, ou seja, “o que fazer” para poder resolver o problema decorrente, o “como fazer”, seleccionando e adoptando a resposta motora mais adequada (Garganta e Pinto, 1994).

2.2. A especificidade do jogo de futebol

Para evidenciar a singularidade do futebol, pensamos ser necessário clarificar e circunscrever as suas características específicas que o distinguem dos demais JDC. A partir destas especificidades podemos retirar ilações no que diz respeito à orientação do processo de ensino desta modalidade (Garganta e Pinto, 1994):

- *Dimensão do campo e número de jogadores* – como o terreno de jogo do futebol é de grandes dimensões (equivale a 10 campos de andebol, 20 campos de basquetebol e 50 campos de voleibol) a capacidade para o cobrir (mental e fisicamente) terá de ser mais elevada. O elevado número de jogadores (22, num jogo de futebol de onze), ainda torna mais complexa a leitura de jogo;

- *Controlo da bola* (este ponto é particularmente importante no nosso trabalho – Relação com Bola) - em conjunto com o andebol e o basquetebol, o futebol é um jogo de invasão do território adversário e de circulação da bola, em que existe luta directa pela posse de bola. No entanto, teoricamente as possibilidades de assegurar o controlo da bola são maiores no andebol e basquetebol, visto nestas modalidades a utilização das mãos permitir agarrar a bola e, assim, melhor a proteger e controlar, bem como direccioná-la da melhor forma. A limitação específica da aprendizagem do futebol passa pela necessidade de jogar a bola predominantemente com os membros inferiores, que também estão implicados nos deslocamentos e equilíbrio do corpo. Para além disto, existe a dificuldade adicional de o jogo se desenvolver predominantemente num plano inferior, o que dificulta a visão (central e periférica) para efectuar a leitura de jogo;

- *Colocação dos alvos* – segundo Gréhaigne (1992, citado por Garganta e Pinto, 1994), “tal como no andebol, a colocação dos alvos (balizas) na vertical faz “variar” a sua largura aparente, em função da posição (ângulo) em que estão a ser visualizados pelo jogador”.

- *Terreno de jogo* – para além das marcações regulamentares podemos falar de outras que delimitam zonas referenciais para que os jogadores nas diferentes fases do jogo (defesa e ataque), respondam às exigências do jogo e podem ser deste modo distinguidas:

- Longitudinalmente, designadas, normalmente, por corredores (corredor central, situado no eixo das balizas; 2 corredores laterais, adjacentes ao corredor central, um do lado direito e outro do lado esquerdo);

- Transversalmente, sendo designadas por sectores (defensivo, médio e ofensivo).

2.3. Do talento para a prática, caminho para o sucesso

“Ronaldo [Cristiano] tem se Deus quiser, catorze anos pela frente para jogar futebol. Dos quais, sete ou oito serão em permanente progresso. Não é imaginável ou pensável que ao seu talento, agora, junte mais dez anos de maturidade. Isso só se consegue depois de muitos anos de experiência e só com essa maturidade os jogadores são capazes de produzir mais efectivamente. É o que irá acontecer certamente com Ronaldo.”

(Carlos Queiróz, 2004)

Podemos encontrar muitas definições na literatura especializada, mas se recorrermos, em primeiro lugar, ao Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1981: 445), observamos que, entre outras definições, o termo Talento define-se como “intelectualmente brilhante; inteligência superior que se afirma por méritos excepcionais; pessoa promissora ou dotada de inteligência invulgar; aptidão natural ou faculdade adquirida”.

Léger (1986) refere que o talento se pode definir como uma capacidade ou habilidade para uma actividade particular ou um determinado desporto, natural ou adquirida.

Para Pérez (1993, in Ruíz & Sánchez, 1997: 235) “os indivíduos sobredotados ou talentosos são aqueles que, pelas suas habilidades extraordinárias, são capazes de altas realizações em áreas tais como a competência intelectual geral, capacidade académica, criatividade, liderança, competência artística e competência motriz”.

No contexto do desporto, Zatsiorski (1989: 283) confirma que “o talento desportivo se caracteriza por determinada combinação das capacidades motoras e psicológicas, assim como das capacidades anatomofisiológicas que criam, em conjunto, a possibilidade potencial para o ganho de altos resultados desportivos num desporto concreto.

A definição apresentada por Hahn (1988: 98) parece ser, contudo, a mais adequada, afirmando que o talento desportivo “é uma competência acentuada numa direcção, superando a medida normal, que ainda não está de todo desenvolvida” e acrescentando ainda que “é a disposição acima do normal, de poder e querer realizar rendimentos elevados no campo do desporto”. Dentro desta perspectiva está também uma afirmação de Valdano (1997), relativamente aos grandes jogadores: “Há jogadores capazes de fazer tudo bem (controlar, passar, fintar, rematar...) mas não sabem o que procuram ou não sabem o que

procurar. Os grandes talentos sabem eleger e executar e costumam ser uma benção para as equipas lineares.”

Reportando-se a um estudo de Knop (1996), Côté, Baker & Abernethy(2003) mostram que, embora os desportos se tenham tornado mais organizados e institucionalizados nos últimos anos, a primeira experiência no desporto dos atletas/jogadores peritos de desportos colectivos, continua a estar relacionada com a importância de brincar e experimentar novos e diferentes meios de executar habilidades, mais do que atingir uma meta. Os mesmos autores (2002), num outro estudo realizado com jogadores australianos de desportos colectivos, concluíram, baseados em entrevistas, que a noção de Jogo é a actividade mais importante para manter as crianças motivadas e para ajudá-las a aprender habilidades básicas do desporto. Neste sentido, Heddergott (1978, cit. Cardoso, 1995, Fonseca 2006) é da opinião que no jogo de Futebol livre as crianças desenvolvem as bases de agilidade, destreza e adaptabilidade motora que codeterminam de forma decisiva a variedade da sua capacidade de movimento e o desenvolvimento futuro. O mesmo autor valoriza este tipo de prática na medida em que ela se traduz numa maior eficácia das acções em condições de 1x1, devido à habilidade para se impor nessa luta, numa maior resistência a factores de desgaste e pelo crescimento da capacidade de executar jogadas a uma grande velocidade e em condições problemáticas de tempo e espaço. Concorrendo para esta perspectiva, Wein (1999), quando questionado se o jogo livre sem qualquer objectivo ou norma concreta, pode ser válido como instrumento pedagógico e de treino, é peremptório ao afirmar que sim, especialmente se for para estimular a criatividade dos jogadores.

Co Adrianse, em 1993, então Coordenador Técnico do AJAX de Amesterdão reconhecia claramente a importância do jogo nas primeiras vivências das crianças, quando afirmava que no AJAX, contrariamente ao que as pessoas poderão pensar, os primeiros anos são passados simplesmente a jogar à bola e acrescentava que quando as crianças aparecem, a preocupação é pô-las a jogar. O contacto com a bola é importante e praticamente é só isso que fazem nas três sessões de treino por semana.

2.4 Futebol de Rua

2.4.1 Rua o berço dos jogadores de excelência

*A minha geração vivia na rua.
Ali jogava futebol e desenvolvia o seu estilo.
Cada minuto. Cada dia
(Cruyff in revista Donbalón)*

Tendo o Futebol um grande impacto socio-cultural e desportivo, isto provoca uma enorme atracção para a sua prática, e normalmente, é na rua que, por hábito, começa a paixão e o gosto pela prática do Futebol, sendo “iniciada por muitos praticantes de forma absolutamente espontânea, sem qualquer base teórica nas orientações para a sua aprendizagem” (Ramos, 2003).

Este período que antecede a entrada nos clubes, e que tem como berço comum, muito frequentemente a rua, tem-se revelado de extrema importância para o desenvolvimento das qualidades técnicas dos jogadores. Bettega (ex-jogador da Juventus e da selecção Italiana, actual vice-presidente da Juventus) citado por Roxburgh (2003) - director-técnico da UEFA – revela que “embora esteja ligado a este clube desde os nove anos, muito do meu desenvolvimento teve lugar nas ruas. Foi aí que treinei e refinei as minhas capacidades técnicas”. Da mesma opinião partilha Raí (ex-internacional Brasileiro) quando diz que “brincava com os amigos na rua, jogava muita bola, e foi aí que eu acho que me aprimorei no futebol”. Rinnus Michel (2001) reforça esta ideia quando escreve: “...o Futebol de rua é o sistema educacional mais natural que pode ser encontrado. Se analisarmos o Futebol de rua, concluiremos que a sua força reside no facto de se jogar diariamente de uma forma competitiva, com uma preferência jogas em todos os tipos de terreno, fazendo-o normalmente em grupos pequenos. No Futebol de rua raramente vimos os jovens a praticar gestos técnicos ou tácticos de uma forma isolada.”. Vários jogadores e treinadores de Elite partilham da mesma opinião, Sócrates (ex-internacional Brasileiro) “...começamos a jogar futebol na rua com caroço de abacate (...) O facto de ter aprendido a jogar desta forma foi excelente, pois quando se joga num pomar, com piso irregular e cheio de árvores, cria-se a necessidade de desenvolver uma série de habilidades, pois, para não nos machucarmos, além de olhar para a bola e para o jogo, tínhamos que olhar para as mangueiras e para as raízes das árvores”.

Maradona cita no seu livro (2001) que “saía às duas de casa com o meu amigo, Negro, o meu primo Beto ou com quem fosse, e, às duas e um quarto, já estávamos na rua a jogar. Sempre a dar-lhe, sob os raios do sol!, e não nos importava nada e dávamos tudo por tudo... por volta das sete, parávamos um bocadinho, pedíamos água nalguma casa e continuávamos...”; “Di Stefano, Pelé, Cruyff, Maradona, Romário, Zidane, Rivaldo, Ronaldinhos, Messi, Kaká. Parece que todas as suas vidas foram passadas sempre junto a um campo de Futebol. Em épocas diferentes, todos compartilham uma vocação que nasceu e cresceu no único “habitat” ideal para a sua gestação: o “Futebol de rua.”. “Olhando as suas histórias não custa crer que, muito provavelmente, a grande estrela do Futebol mundial no ano 2010 deve estar, neste momento, a passar fome numa favela do Rio de Janeiro ou num bairro de Buenos Aires.” (Lobo, 2002). “Os meus primeiros jogos tiveram lugar no prestigiado estádio da rua Rubens Arredo: «balizas» feitas com sapatos velhos, em cada uma das extremidades –uma onde a rua terminasse num “beco” sem saída e a outra onde se cruzava com a rua Sete de Setembro; as linhas laterais eram mais ou menos onde as casas começavam de cada lado. Mas para mim era como se fosse o Maracanã, e foi o local onde comecei a desenvolver as minhas aptidões.” (Pelé, 2006). “No meu bairro em Porto Alegre passei a infância a jogar à bola. Nunca me separava da bola, driblava, driblava, driblava sem parar. Jogava na rua com os meus colegas, mas também jogava horas sozinho ou com o meu cão, o “Bombom”, que era incansável. Com ele, tentei todas as fintas possíveis, para evitar que ele trincasse a bola, com exceção do “túnel”, porque o “Bombom” tinha as patas curtas. (Ronaldinho Gaúcho in Pacheco, 2005).

2.4.2 Rua, bola, obstáculos, que relação?

*Aquele pequeno mundo interior vai-se desenvolvendo
e ampliando à medida que a exteriorização do homem
acha obstáculos
(Nietzsche, 1980)*

*Quem me ensinou a jogar??
A bola...
(Maradona, 2001)*

“O irregular deve ser condição indispensável na formação” (Frade, 2003), e o futebol de rua revela-se aqui de capital importância. Sendo disputado nos mais diversos locais, isso possibilita aos jovens, a aquisição de um repertório motor alargado, de um estilo único e invejado em todo o mundo, para além de cultivar a imaginação e a ilusão.

Os locais podem ser em qualquer sítio como refere Bobby Robson (2006) “Quando éramos crianças nem sequer brincávamos às guerras como muitos miúdos faziam. O Futebol e o cricket ocupavam todos os nossos tempos livres. Nas paredes desenhávamos a giz os postes e as barras das nossas balizas, e não havia um único carro nas ruas que incomodasse as nossas partidas. As crianças de hoje perdem muito por não poderem jogar à bola nas ruas.” Para Maradona (2001) “Jogávamos sempre à volta da minha casa, em “Las Siete Canchitas”. Era um descampado enorme com vários campos. Uns tinham balizas e outros não. “Las Siete Canchitas” era como um desses centros desportivos com relva sintética e tudo! Não tinha relva nem sintéticos, mas era para nós uma maravilha. Era de terra, de terra bem pura. Quando começávamos a correr, levantava-se tanto pó que parecia que estávamos a jogar em Wembley e com neblina.” “O campo não é mais do que um pedaço de rua, um quintal, uma praça; o piso pode ser de areia, de pedra, cimento, relva; “quantas crianças não utilizaram as carteiras, as mochilas ou simples pedras para marcar a baliza! Este detalhe, e tantos outros parecidos, demonstram-nos que nem sempre é necessário ter todos os elementos, e que as carências se ultrapassam com imaginação e ilusão” (Cruyff, 2002). O futebol só requer a nossa farta imaginação.

A bola pode ser qualquer coisa que role (uma pedra, uma lata vazia, uma bola de trapos), como refere Eusébio (1992) “O começo foi com uma bola de

trapos, em que as mães rompiam uma meia e deitavam fora, e nós utilizamos. Fazer as balizas era fácil, arranjavam-se 4 pedras, colocávamos duas de cada lado e contávamos uns passos em função do número de jogadores que haviam, e jogávamos 3x3, 4x4; 5x5.”

E como é que alguém não adquire qualidade tendo que jogar com uma bola de trapos ou uma pedra, e em terrenos baldios e irregulares? São estas dificuldades que libertam a imaginação e fazem brotar a criatividade dos jogadores. “Se a Tota (referindo-se à sua mãe) me mandava buscar alguma coisa, levava qualquer coisa comigo que se parecesse com uma bola para poder ir jogando com o pé: podia ser uma laranja, bolas de papel, ou de trapos. Assim subia as escadas da ponte sobre o caminho-de-ferro, a saltar num pé – o direito – e levava o que fosse no esquerdo, tac, tac, tac... Assim ia para a escola também, ou sempre que a Tota me mandava fazer um recado” (Maradona, 2001). “Garrincha teve todas as peladas que sonhou e mais algumas. Nos anos 40, em que o Futebol era como uma segunda natureza para toda a nação, o kit de sobrevivência de qualquer menino brasileiro incluía uma bola.”. (Ruy Castro, 1995). “A tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria. Numa partida improvisada, de imediato alguém inventa algo. No meio desse combate de pés descalços, um jogador que possa não ser muito alto (Salas), nem muito forte (Arellano), nem muito rápido (Gallardo), soluciona um problema de forma original. Com uma recepção e um toque três adversários são ultrapassados (...) O jogador não usa o catálogo de soluções conhecidas, cria.”. (Jorge Valdano, 2002).

Todo este processo vivido pelas crianças na rua, as suas brincadeiras com a bola nos pés, muitas das vezes descalços, são ingredientes mágicos que ensinam a jogar. “Também nunca fui de exigir muito. Só precisava mesmo era de uma bola e da autorização dos meus pais para andar na rua. Adorava jogar na rua, de preferência...descalço! Ainda hoje gosto. Sem calçado sente-se mais o contacto com a bola. Os meus amigos jogavam todos de ténis e eu sem nada” (Deco, 2003).

Uma história rica, formará bases sólidas para a inteligência, para a afectividade, para a sensibilidade da criança, enquanto que, por outro lado, uma história pobre leva a um comprometimento dessas estruturas. “Cresci a aprender a resolver os problemas no meio da rua (...) talvez daí venha parte da minha

habilidade"! (Zico cit. Fonseca 2006). "Acho que a minha geração estava cheia de jogadores de rua, pois o Futebol não organizado, ou seja, fora dos clubes era ultra-importante. A gente ia todo o dia para um "campinho" ou um relvado, ou aonde quer que fosse, só para passar o tempo – com Futebol. Acho que é ao Futebol de rua que eu devo o meu talento e, afinal de contas, a minha carreira profissional" (Klinsmann, 2006).

2.4.3 Liberdade e criatividade em perigo

As novidades (entenda-se criatividade) surgem da associação até então despercebida entre elementos antigos. Criar é recombina
(François Jacob)

O Futebol é um hábito que se adquire na acção.

O Futebol não se ensina. Aprende-se fazendo! Um dos principais factores do futebol de rua, é que tem pouca ou nenhuma intervenção dos adultos. “Antes, aprendia-se futebol nas ruas de terra ou nos campos de várzea. Não havia treinadores, os meninos lidavam livremente com a bola. Com a urbanização acelerada, os garotos hoje aprendem a jogar em escolinhas com técnicos, preparadores físicos e equipamentos de primeira. Disputam campeonatos acirrados e perderam a liberdade. A espontaneidade desapareceu” (Rivelino, ex-internacional Brasileiro). “Durante decénios, em plena época de futebol criativo e artístico, a criança aprendia livremente, sem guia, nem direcção necessária às subtilezas do desporto favorito. Tudo se aprendia na rua, na escola ou em terrenos baldios. Com o passar dos tempos nasce um futebol de maiores complicações” (José Soares, 1995).

Antigamente não tinha lógica falar-se em escolinhas de futebol, todos aprendiam na rua. Tostão (ex-internacional Brasileiro) refere que “os craques do passado aprendiam a jogar futebol na rua, sem imposições (...) Hoje o que se tem são escolinhas, nas quais tudo ocorre de forma organizada. Procura-se exercer influência nas crianças de forma sistemática, e isto lamentavelmente, é um factor perturbador ao seu desenvolvimento”.

A obsessão por determinadas jogadas é inoculada desde cedo nos candidatos a jogador, e “tudo o que se faz no campo é repetição dos exercícios feitos nos treinos, ninguém ousa uma jogada diferente” (Rivelino, ex-internacional Brasileiro). “O jogador criativo é capaz de sair das normas, dos padrões mecânicos e das soluções estereotipadas da equipa, para situações inovadoras, complexas e até surpreendentes sob o ponto de vista táctico e estratégico” (José Soares, 1995). Na mesma linha João Alves (1995) “Embora existam alguns jogadores talentosos, o grande talento começa a rarear. Tem algo a ver com a

modernidade, com as escolas de treinadores implementados nos grandes clubes, num aproveitamento dos jovens que desde muito cedo começa a ser mecanizada”

A realidade de hoje, é um futebol treinado, treinável e mecânico, onde sobra pouco espaço para a criatividade, para a magia, para a liberdade e para o respeito pela bola. A lógica que estava subjacente ao futebol de rua, ou seja, o ênfase no jogar, não pode ser perdida; é necessário formar-se jogadores em quem a espontaneidade seja a norma, pois tal como diz Valdano (1998) “a escola primária do futebol é o respeito pela espontaneidade e a exercitação da habilidade”. Repare-se no número de equipas europeias que vão buscar os seus talentos ao continente africano e ao continente sul-americano?! Nestes dois continentes relativamente empobrecidos, o futebol de rua é ainda muito popular, tal como o talento e o imprevisto.

Bettega citado por Roxburgh (2003) defende que “os jogadores jovens precisam de algum tempo para a auto-expressão, para a espontaneidade. Os seus treinadores precisam de ver e ouvir um pouco mais e ensinar um pouco menos”. Como refere Vingada, “quando os miúdos jogam à bola, tudo acontece por intuição” (Nelo Vingada, 1995).

Segundo Damásio o “penso logo existo”, é alterado para “sinto, logo existo por isso penso”, agora transpondo para o futebol, quando se começa a jogar, primeiro joga-se, ou seja, sente-se, e mais tarde é que se pensa. “O que convém ensinar aos miúdos é a disfrutar, tocar, criar, inventar e apurar as suas qualidades, rectificando seus defeitos sem decalcar as suas virtudes. (...) O melhor método para ensinar um miúdo a jogar não é proibir, mas guiar” (Cruyff, 2002).

Para Roxburgh (2003), os “bons treinadores das camadas jovens sabem quando trabalhar exercícios, ensinar livremente e quando encorajar a auto-confiança e a livre expressão”. Kulkov, referindo-se ao treinador da formação que mais o marcou, diz que “foi o meu primeiro treinador (...) Era só futebol no treino”.

Na opinião de Tostão (ex-internacional Brasileiro), “com crianças deve-se deixá-las jogar de forma livre e não exercer muito controlo (correção). Eles devem ter liberdade. Somente em idades mais avançadas é que se deve colocar neles exigências e disciplina. Eu acredito que essa liberdade nas idades iniciais, é uma das principais características do jogo criativo que o Brasil tem”. “Quando era

miúdo, na altura em que se aprendem as coisas, ninguém me ensinou a tática; não havia o jogo à zona e o jogo de homem a homem, tudo se resumia para quem estava à minha frente. Vivia do instinto fazendo jogadas que me aconselhava o momento” (Baggio, 1995). “Antes do como, a criança apreende o quando, pois vai sentindo (intuição) a necessidade de nesta situação fazer isto e naquela fazer aquilo” (Vale, 1995). “A actividade criativa requer que o indivíduo se desloque livremente entre a fantasia e a realidade” (José Soares, 1995).

“Os jovens passam horas a treinar os seus truques e as técnicas de passe e remate, usando as paredes como parceiros silenciosos. O amor ao futebol permite tudo e as taças e medalhas (motivação extrínseca) não têm significado imediato para os jovens sonhadores que se dedicam à bola e se perdem no romance do jogo. (...) Os treinadores que tiverem mentalidade de rua, que apreciem o valor do jogo livre, da auto-expressão e a paixão, nunca permitirão que o futebol se torne estéril e mecânico. Os Japoneses têm um ditado que diz: «Nunca és demasiado velho para ter uma infância feliz». Para os técnicos da formação, isto transmite uma mensagem simples: mantenham-se de coração jovem” (Roxburgh, 2003). Como refere Queiroz, “se olharmos para a história, as equipas vencedoras são aquelas que jogam com a cabeça e técnica, e não com o músculo”. Para que o Futebol possa desenvolver-se adequadamente, ele terá que seguir uma ideologia: “um Futebol que não desautorize os sonhos e a emoção. Um Futebol criativo, generoso e valente” (Valdano, 1998).

2.4.4 Imitação dos ídolos

A dimensão da imitação não pode estar ausente nas idades mais baixas. Segundo Bandura “as crianças têm tendência a imitar os mais velhos”; “Ao imitarem estão a trazer o futuro para diante dos olhos, e desta forma aproximam-se dele e até por vezes o ultrapassam” (Vitor Frade).

A enorme atracção pela prática do futebol por crianças e jovens, possibilitam-lhes «imitar» e «encarnar» a pele dos seus modelos, por vezes elevados à qualidade de ídolos. “Esta atracção – muitas das vezes autêntica paixão – tem inconvenientes pelo excesso que pode ocasionar alguns comportamentos, mas tem, certamente, muitos aspectos positivos no que se relaciona com a prática da modalidade” (Ramos, 2003). “Se existir a ligação de uma ideia a uma imagem, então essa imagem será muito mais forte e passará de uma recordação que se esquece facilmente para uma recordação que nunca mais desaparece” (António Damásio, 1994).

Como refere Cruyff (2002), “naquelas ruas convertidas em improvisados campos de treino, os mais pequenos podiam aprender. Como? Olhando e imitando o que faziam os maiores”. Mas se antigamente se assistia futebol apenas no estádio, hoje em dia, é possível assistir futebol constantemente pela televisão e internet. A criança pode ver frequentemente os seus ídolos jogarem, e assim tentar imitá-los, acabando por misturar a riqueza dos ídolos com aquilo que já tem, o que contribui para o aperfeiçoamento da sua criatividade.

2.4.5 Paixão, prazer pela prática

“Ao final da tarde o pai de Garrincha, encarregava-o de ir ao pasto cortar e trazer “capim” para o seu cavalo. Garrincha saía a tempo, mas na ida ou na volta, cruzava-se com uma “pelada.”. Juntava-se a ela, a noite caía e o cavalo de Amaro (pai) continuava em jejum. A punição era sovas de cinto ou de vara, todas sem efeito.”.

Castro (1995)

Relativamente à questão do prazer, os mentores desta teoria foram confrontados com diversos estudos que a vieram pôr em causa. Quando Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) conceptualizaram primeiramente a prática deliberada, a sua definição como altamente importante, exigindo esforço, mas não sendo agradável, acreditou-se ser generalizada através dos domínios. Porém, quando alguns estudos testaram a definição de prática deliberada nos domínios desportivos da luta (Hodges & Starkes, 1996), hóquei e futebol (Helsen, Starkes & Hodges, 1998), as descobertas foram surpreendentes. Os atletas que participaram nestes estudos avaliaram uma série de actividades de acordo com as dimensões de importância, prazer e esforço e, contrariamente às postulações iniciais de Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), as actividades práticas que foram julgadas como mais importantes eram também entendidas como, relativamente, mais agradáveis do que a maioria dos exercícios práticos.

Deste modo, os trabalhos de Helsen, Starkes & Hodges (1998) conceberam uma nova dimensão para a prática deliberada, entendendo a mesma como uma prática muito importante para melhorar o desempenho, que requer grande esforço e concentração, e que inclui actividades nas quais a participação é, aparentemente, agradável. Relativamente a esta discrepância entre a concepção original de Ericsson e as descobertas dos trabalhos mencionados, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993) alega que a prática dos desportos é inerentemente social e é este aspecto social que os atletas acham agradável. Também Jorge Valdano (1997) comenta esta questão, referindo o seguinte: “Em todo o caso custa-me a entender a esses jogadores, a quem a moda converteu em homens muito ocupados, que nos seus tempos livres jogam futebol. (...) perdedores sociais que só tinham a pequena e improvável saída de serem futebolistas, reivindicam dentro do campo o direito a discutir um lugar aos que

nasceram ganhadores. Jogam por prazer e por vingança, não ficam muitos e com eles pode-se ir a qualquer parte”.

Dentro da literatura da psicologia do desporto, surgiu outra teoria muito importante – o Modelo de Compromisso Desportivo (Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons & Keeler, 1993), que sugere que o compromisso no desporto é uma junção de vários factores, entre eles, o prazer na actividade.

Confrontando as duas teorias, é possível constatar que o investimento pessoal de tempo e o esforço são vistos por Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons & Keeler (1993) como importantes pressagiadores do compromisso, e o resultado desse compromisso por Ericsson. É também digno de atenção que, enquanto Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons & Keeler (1993) indicam que o prazer do desporto é decisivo para o compromisso, Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), como já foi referido anteriormente, sugerem que a prática deliberada não é inerentemente agradável. A questão do prazer é também referida por Jorge Valdano (1997), relativamente à modalidade de futebol: “Há uma bonita ponte que une o prazer ao bom futebol e outra, sinistra, que relaciona o medo com o futebol”.

Há outros autores, como por exemplo Csikszentmihalyi (1993, in Durand-Bush & Salmela, 1996) que, embora não discutam o prazer que poderá advir ou não, da prática, referem como requisito para se alcançar a excelência a necessidade de que o desportista sinta um estado subjectivo de prazer e concentração durante o desenvolvimento da sua actividade, que lhe permita trabalhar de forma concentrada, durante longos períodos de tempo.

2.4.6. Desaparecimento do futebol de rua, uma problemática

Sem dúvida que uma das razões para a falta de qualidade técnica de muitos jogadores, é resultado do lugar onde esses jovens aprenderam a jogar Futebol. No meu tempo, a academia mais popular para descobrir os segredos deste desporto era a rua.”

(John Cruyff, 2002)

É cada vez mais raro verem-se crianças a jogar futebol em campos improvisados. O aumento do trânsito e da criminalidade são duas razões encontradas para esta situação, enquanto que o desenvolvimento dos jogos de computador e da televisão aumentam a passividade das crianças. Vários autores, como Cruyff (1997), Rinnus Michel (2001), Lozano(2001), Klinsmann, (2006), Robson, (2006) Néné (1995), Vale (2004), Frade(2003) e Garganta (2006) encontram-se na mesma linha de pensamento, ao referirem que hoje em dia é muito difícil encontrar ruas nas quais se possa jogar, verificando-se uma tendência crescente para a diminuição dessa prática. Resultado do desenvolvimento das cidades, que foram invadidas pelo tráfico e da diminuição dos espaços e tempo disponíveis.

“A UEFA, através do programa «Grassroots», comprometeu-se a ajudar as federações e os clubes nos seus projectos comunitários e de desenvolvimento dos jogadores. Os dirigentes do Futebol estão conscientes de que a perda do ambiente de rua, em particular nas regiões industriais, provocou maior necessidade de instalações de treino, áreas livres para jogar e equipamento apropriado” (Roxburgh, 2003). Daí, a importância cada vez maior atribuída às escolas de Futebol, acreditando-se que estas podem estreitar a relação das crianças com o jogo, tal como acontecia à alguns anos atrás com o Futebol de rua. No entanto, parece evidente que à medida que as instalações melhoraram e os programas se tornam mais sofisticados, o perigo de se perder de vista “a liberdade e criatividade do jogo”, é uma realidade.

Na opinião de Gerson (ex-internacional Brasileiro) “o futebol de hoje é diferente. É mais força, menos arte”. Johan Cruyff, por sua vez, compara o futebol de hoje a um “jogo de flippers” (Fonseca, 2006), enquanto Valdo (ex-internacional Brasileiro) refere que “hoje é mais fácil jogar que antes, porque não existem muitos talentos. O jogo é simplesmente mais precário e físico; falta inspiração, e o

responsável é o desaparecimento do futebol de rua”. Tostão (ex-internacional Brasileiro) refere que a “grande diferença entre o Brasil e os outros países consiste na alegria e na forma criativa de jogar, e onde se encontra isto é na rua (...) o que lamentavelmente tem diminuído”. E se hoje é difícil encontrar ruas em que se possa jogar, torna-se necessário encontrar estratégias que recriem o ambiente do futebol de rua.

Sem dúvida, uma das razões da falta de qualidade técnica em muitos jogadores tem a ver com o lugar em que os jovens começam a jogar futebol. “Agora vejo que há muitos jogadores físicos (...) há poucos jovens prometedores que podem usar ambos os pés” (Cruyff, cit. Fonseca 2006). Muller refere que “os grandes jogadores do Brasil, aprendem a jogar na praia, na várzea ou rua”. Já Pelé tinha referido antes que o factor que o fez destacar-se dos demais, foi o facto da rua dele ter mais buracos que a dos outros.

A rua permite a aquisição de experiências de uma forma ampla e geral. O progresso está a contribuir para o desaparecimento deste futebol “pobre” e indispensável, emanando daqui repercussões negativas na aquisições de certos hábitos e habilidades. Tal como questiona Baltemar Brito, citado por Vítor Frade(2004), “para que é que inventaram os coletes? Dantes como não existiam coletes, eles eram obrigados a levantar a cabeça para saber que jogadores eram da sua equipa; agora isso não é preciso. Facilitou? O quê? E a visão de jogo?”. Nem mesmo as condições mais precárias são impeditivas para se jogar futebol. Basta haver vontade para isso. Também Maradona é desta opinião (2001) “jogávamos na escuridão, era igual. E agora oiço dizer, por aí, que em tal campo falta luz. Mas eu jogava às escuras” Aqueles que dispõem de uma plataforma ampla de experiências, de emoções, de percepções, podem recorrer a um grande reservatório criativo. “Sem a rua, o meu cardápio de soluções não era o mesmo” (Sócrates). Johan Cruyff, no seu livro *Me gusta el fútbol* (2002), relata que quando era treinador do Ajax, “ia treinar muitas vezes com os miúdos de 10 anos, não para o relvado mas para a rua (...) porque na rua, se chocas contra um jogador e cais no chão de cimento, magoas-te, arranhas-te, dói-te, sangras (...) Com a introdução de um campo áspero, inusual, estás fomentando a antecipação, a rapidez. Aprendes a chegar primeiro, a soltar a bola antes e a passá-la rapidamente”.

3. HIPÓTESES

Através da informação retirada na revisão bibliográfica, colocamos as seguintes hipóteses:

- **H1:** O Futebol de rua é uma prática vivenciada por todos os jogadores de excelência.
- **H2:** O Futebol de rua está a desaparecer e com ele toda a sua inegável riqueza que poderá levar a um menor aparecimento de jogadores de excelência.
- **H3:** O Futebol de Rua deve fazer parte nos escalões de formação nos clubes, onde a lógica subjacente ao mesmo esteja presente.
- **H4:** O Futebol de rua e formação em clubes, ainda que em períodos diferentes são igualmente importantes na formação de jogadores de excelência.

4. Material e métodos

Se a investigação quantitativa se pode definir pela procura do conhecimento tecnológico ou teórico, a investigação qualitativa, pode pensar-se em termos de uma orientação que visa o conhecimento prático . Para construirmos um quadro de referência, não temos de estar presos a nenhuma « idolatria » do método científico ou de outro método qualquer.

Greene (1999) cit. por Oliveira (2002)

4.1. Caracterização da amostra

Quando se opta por realizar entrevista, pretende-se saber aquilo que os entrevistados pensam, procurando que estes acrescentem algo de novo, com o intuito de esclarecer determinados aspectos abordados na revisão bibliográfica. Selecionámos jogadores e ex-jogadores de diferentes idades, épocas distintas. Neste sentido, procuramos que os entrevistados partilhassem experiências, sentimentos, conhecimentos e informações que pudessem enriquecer o presente estudo.

A amostra integra 4 entrevistados:

- **Nuno Gomes** (jogador do Sport Lisboa e Benfica)

10º jogador português com mais internacionalizações

4º melhor marcador de sempre da Selecção Nacional

Finalista vencido no Euro2004 Portugal

4º Lugar Campeonato do Mundo Alemanha 2006

Campeão Nacional pelo S.L. Benfica

- **Luís Figo** (na altura jogador do Real Madrid)

Jogador português com mais internacionalizações de sempre

Melhor jogador do Mundo pela FIFA 2001

Vencedor de Campeonatos pelo Barcelona, Real Madrid, Internazionale

Finalista vencido no Euro2004 Portugal

4º Lugar Campeonato do Mundo Alemanha 2006

- **Rui Costa** (na altura jogador do AC Milan)

Campeão do mundo sub-20 (1991)

Vencedor de Campeonatos pelo S.L. Benfica e pelo AC Milan

Finalista vencido no Euro2004 Portugal

- **Paulo Sousa** (ex jogador do Boavista)

Internacional A

Semi-finalista da Taça UEFA

Vencedor de Campeonato, taça de Portugal e Supertaça pelo Boavista FC

4.2. Metodologia de Pesquisa

Para a concretização dos objectivos definidos para o estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos de recolha de informação:

- Pesquisa e análise documental:

Ao nível teórico foi efectuada uma pesquisa bibliográfica e documental, seleccionando-se a informação disponível que melhor pareceu enquadrar-se com o tema em questão, através da respectiva análise do conteúdo.

- Entrevista de estrutura aberta:

Com base na revisão bibliográfica efectuada e de acordo com os objectivos definidos, foram elaboradas questões guia, que serviram de suporte às entrevistas realizadas.

Ao nível prático, a metodologia utilizada na recolha dos dados e informação, ocorreu sob a forma de inquérito oral, por meio de entrevista, com base em questões guia, previamente elaboradas e registadas num gravador MiniDisc digital «Sony» (mod.MZ – R55).

O carácter aberto da entrevista teve como propósito permitir que os entrevistados pudessem expor os seus pontos de vista de uma forma clara, pessoal e o mais aprofundada possível.

4.3. Recolha de dados

A recolha dos dados teve lugar no Hotel da Falperra em Braga na véspera do jogo da Selecção Nacional Sénior com a Itália, e no Hotel Quinta das Lágrimas em Coimbra na véspera do jogo da Selecção Nacional Sénior Nacional com a Suécia, jogos de preparação para o Campeonato da Europa de 2004, e a 10 de Outubro no Restaurante Dom Amado.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Depois de realizada uma revisão bibliográfica e entrevistas a diversos jogadores, será efectuada a análise das respostas dos entrevistados, no sentido de se comparar e discutir o conteúdo das mesmas, tendo em vista os aspectos tratados na revisão bibliográfica

5.1 O primeiro contacto com a bola, que relação?

Nas respostas às entrevistas ficou claro que, embora os jogadores não tenham iniciado a actividade desportiva regular antes dos dez anos, todos tiveram um contacto precoce com o futebol, dado que a sua prática constituía uma das brincadeiras infantis de maior adesão. Sendo assim, verifica-se que o que Côté, Baker & Abernethy (2003) preconizam, acontece realmente. Os autores defendem que a aprendizagem precoce e a motivação excepcional dos indivíduos expertos pode ser explicada por um ambiente de brincadeira durante os primeiros anos de envolvimento de uma criança no desporto. De acordo com esta posição, todos os entrevistados revelaram que a prática de futebol dominava todas as brincadeiras da sua infância, o que os parece ter levado a uma subsequente aprendizagem e ao seu envolvimento na prática deliberada, tornando-se, assim, jogadores de alto nível após vários anos de prática.

5.2 Rua como denominador comum

“O engano é o modo de expressão natural que tem o talento do futebolista, por isso esta é uma disciplina que se aprende no “basfond”. Os melhores jogadores são aqueles que começam a jogar na rua e fintam a pobreza, que são um produto de bairro.”

(Jorge Valdano, 1997)

No desenvolvimento das qualidades dos jogadores, os períodos que antecedem a entrada nos clubes têm-se revelado de extrema importância, períodos esses que têm como denominador comum, muito frequentemente, a rua, o que vem ao encontro do levantamento bibliográfico realizados com jogadores de excelência Maradona, Cruftt, Ronaldinho Gaucho, Péle.

Como refere Rui Costa (2004) “na rua, não sei bem quando comecei a jogar, porque desde que me conheço que jogo à bola”. No mesmo seguimento, Nuno Gomes (2004) diz que “na rua jogava sempre, desde que me lembro, jogava sempre, jogávamos ali, em frente a casa, era lá que eu «esfolava» os joelhos”.

Estes momentos anárquicos de aprendizagem (auto-aprendizagem), onde tudo é elaborado através da intuição, podem ser disputados nos mais diversos locais; neste seguimento, Figo (2004) descreve que “jogava nos campos de terra, onde pudesse”, já Nuno Gomes (2004) refere “jogava no pátio de alcatrão”. Para Rui Costa (2004) “antigamente tu tinhas que criar o campo...nós fazíamos um campo de futebol na rua, na pedra...” Ainda Paulo Sousa (2009) “ jogava onde houvesse uma bola ou algo que se assemelhasse a isso, na rua com amigos ou apenas com conhecidos e no recreio da escola.”

A diversidade dos locais, a diversidade de pisos, as diferentes bolas que se utilizam (por vezes nem bolas são), o diferente número de participantes, são detalhes entre tantos mais, que enriquecem o repertório motor das crianças, para além de lhes cultivar a imaginação, a ilusão, e que deixam a intuição agir livremente, de maneira a aumentar o número de soluções para uma mesma resposta.

Em criança joga-se, é sempre a jogar e a qualquer altura. Tal como refere Nuno Gomes (2004) “jogava sempre que havia tempo”; Rui Costa (2004) também diz que “todos os dias (...) jogava futebol de manhã à noite! (...) As

horas disponíveis eram para jogar à bola”; e Figo (2004) refere que “jogava nos tempos livres”. Paulo Sousa (2009) “jogava tanto que até cheguei a levar umas palmadas da minha mãe devido á hora que chegava a casa”.

As carências materiais eram colmatadas com imaginação, tal como refere Figo (2004) “nós não tínhamos balizas, e arranjavamos quatro pedras para balizas e jogávamos 1x1, 2x2, o que fosse necessário”, da mesma forma Nuno Gomes (2004) refere que “montávamos o campo com duas pedrinhas e jogávamos”. Já Rui Costa (2004) refere que muitas vezes “as balizas eram as portas das casas”.

As respostas dos ex-jogadores e jogadores encontram-se em consonância com as conclusões retiradas da revisão bibliográfica, permitindo constatar que a rua foi um denominador comum, e que esse envolvimento precoce dos indivíduos no mundo do jogo (Futebol) os influencia positivamente no que respeita a uma aprendizagem precoce e a uma motivação excepcional para estabelecer um vínculo de continuidade com a modalidade, tal como Garganta (2004) faz questão de salientar.

Sendo assim, verifica-se o que Côté, Baker & Abernethy (2003) preconizam. Os autores sustentam que a aprendizagem precoce e a motivação excepcional dos indivíduos peritos pode ser explicada por um ambiente informal (lúdico) durante os primeiros anos de envolvimento de uma criança no desporto.

5.3 Prática e talento duas faces da mesma moeda

“... Cristiano Ronaldo. A pouco e pouco, com o tempo, irá ter maior capacidade para decidir, no momento certo, as melhores opções de uma forma mais simples, eficiente e produtiva para a equipa.”
(Carlos Queirós, 2004)

Na realização da revisão bibliográfica foi possível constatar que a prática é o meio mais viável para qualquer indivíduo se poder tornar uma referência em qualquer área. Neste sentido, também os entrevistados referiram a importância da prática e da consequente experiência adquirida ao longo dos anos de prática para a construção de uma carreira desportiva de sucesso.

Como refere Figo (2004) “Importante é jogares, teres contacto com a bola, ganhar sensibilidade, ultrapassar adversidades, é prática, prática, prática.” No mesmo pensamento, Nuno gomes (2004) “ganhamos com a prática, e hoje em dia não se pratica tanto esse futebol”. Paulo Sousa (2009) refere que a prática “faz com que ganhes uma sensibilidade nos pés diferente.... Para mim no futebol a coisa mais importante é prática, prática na recepção e passe e como a rua não é um sintético, tens de ter dupla atenção por a bola não te vai chegar redondinha, ela vai chegar aos “eses”, logo vais melhorar a tua sensibilidade com a bola, e se te adaptas no difícil, quando chegas a um relvado com ótimas condições ou a um sintético, tudo é mais fácil.” Finalizando e seguindo a mesma ordem Rui Costa (2004) “ é ali na prática que tu ganhas a tua técnica, a tua forma de correr... tudo isso é no futebol de rua. , e jogava todos os dias à bola na rua ou na escola, e depois chegava ao treino e treinava também.”

5.4 A Paixão, gosto e prazer como rampa de um sonho

“O prazer de Ronaldo pelo jogo era uma obsessão. Raramente era visto sem uma bola, e o tempo que passava com os amigos era quase sempre a jogar Futebol. Quando podiam Ronaldo e a sua turma desciam até as praias do Rio, invariavelmente “pulando” trens e autocarros, para confrontar as suas habilidades com as de outros grupos.”.

(Mosley, 2005)

A paixão, gosto e prazer que a criança encontra na pratica do Futebol de rua é o que a faz continuar a praticar, a jogar, uma vez que vai no sentido das suas emoções agradáveis, levando-a a desejar repetir insistentemente. As informações obtidas por Costa (2005), parecem, de certa forma ir de encontro ao que acabamos de referir, uma vez que, os jogadores e ex-jogadores entrevistados, apesar de considerarem ser possível aumentar o seu nível de desempenho com actividades agradáveis e desagradáveis, salientam que as primeiras podem ser mais eficazes, dadas as questões emocionais a elas associadas.

Todos os entrevistados concordam com tal asserção, realçando o gosto que o Futebol de rua despertava e a importância que ele teve não só na sua aprendizagem mas principalmente no comprometimento que o jogador estabeleceu com o Futebol, o que vem na perspectiva de Côté, Baker & Abernethy (2003), quando os autores concluíram que o envolvimento em muitas actividades de jogo durante os primeiros anos, possibilita aos atletas/jogadores jovens a oportunidade de se empenharem em actividades intrinsecamente reguladas e que podem, subseqüentemente, ajudá-los a tornarem-se mais auto-determinados e comprometidos com a sua participação futura no desporto.

É na rua que, por hábito, começa o despertar da paixão e do gosto pelo futebol. É aí que começa a rampa de um sonho! Como refere Rui Costa (2004), “foi o que me fez ser jogador de futebol. Por todas as razões, pelo gosto (...) que eu demonstrava no futebol de rua, nessa vontade que eu tinha de andar sempre com uma bola debaixo do braço e poder jogar à bola”, da mesma forma, Nuno Gomes (2004) diz-nos que, “deu-me a oportunidade de eu ir ganhando ainda mais gosto pelo futebol, pelo jogo em si”, também Figo (2004) é da mesma opinião, “adquiri o prazer e o gosto... (...) se gostas de jogar futebol, em qualquer espaço ou qualquer momento que tenhas a oportunidade, acabas por

praticá-lo”, e que segundo ele “ foi extremamente importante para querer seguir esta carreira”. Na mesma linha Paulo Sousa “Quem gosta de futebol aproveita todos os momentos para jogar futebol, e uma bola nem que fosse rota servia para jogar. Importante porque te apaixonas logo por aquela coisa redonda que toda a gente anda atrás, e que por vezes nem redonda é”.

5.5 Imitação, o futuro diante dos olhos

*“naquelas ruas convertidas em improvisados campos de treino,
os mais pequenos podiam aprender.*

Como? Olhando e imitando o que faziam os maiores”

(Cruyff, 2002).

A maioria dos entrevistados foi ao encontro do que refere a literatura, quando diz que “as crianças tendem a imitar os mais velhos”

Uma das coisas que fazem as crianças terem atracção pelo futebol, é a criatividade que alguns jogadores possuem, e quando essas crianças têm diante dos olhos essas imagens, elas tentam imitar o que vêem, tentam «encarnar» a pele dos seus modelos, por vezes elevados à qualidade de ídolos.

A dimensão da imitação não pode estar ausente nas idades mais baixas, as crianças devem ser constantemente confrontadas com o futuro, elas devem tê-lo sempre à frente dos olhos, para se aproximarem dele e até mesmo ultrapassá-lo. O mesmo refere Rui Costa (2004), “até uma certa idade tentas imitar, porque quando tens um ídolo, é como dizer: eu gostava de ser aquela pessoa, (...) ainda hoje tenho vícios do Carlos Manuel”, mais à frente o jogador do A.C. Milan refere que, “chegas a uma determinada altura, tu passas a ser tu mesmo, não dá para imitar mais nada (...), não podes pretender ser igual aquele jogador, tens de ser igual a ti mesmo”. Da mesma forma Figo confessa que admirava alguns jogadores dizendo que “tinha-os como referência. (...) Olhava para eles como uma referência no sentido de ver o que faziam para tentar (...) aprender as coisas boas que eu pensava que tinham e faziam”.

Todos os jogadores referenciados como ídolos pelos nossos entrevistados, foram jogadores que actuavam mais ou menos nas posições deles. Nuno Gomes (2004) “admirava Fernando Gomes (...) e muito o Van Basten”, já Figo (2004) refere como jogadores que tiveram a sua admiração, o Chalana e o Futre. Rui Costa (2004) diz-nos que os seus ídolos “eram (...) dois jogadores que jogavam na posição que mais ou menos jogo. O meu ídolo interno era o Carlos Manuel, o meu ídolo completo era o Platini”.

Finalizando Paulo Sousa refere como ídolo “O jogador que mais me enchia os olhos na altura era o Platini.

5.6 Formação e futebol de rua - Pratos de uma balança equilibrada?

Os jogadores e ex-jogadores entrevistados atestaram tal proposição, sendo que quando questionados pela importância que cada um destes teve na sua formação, todos eles equilibram os dois pontos em causa.

Uma história rica, formará bases sólidas para a inteligência, para a afectividade, para a sensibilidade, para a intuição, para a liberdade, para a criatividade, para a desordem da mecânica.

Por outro lado, uma história pobre leva a um comprometimento dessas estruturas, fazendo com que o menu de soluções para a mesma resposta não seja tão extenso.

Para Figo (2004), formação e futebol de rua “são complementares. Tu comesças sempre na rua, a jogar com os teus companheiros, depois se realmente tens gosto, prazer e alguma qualidade, para continuares a jogar entrarás num clube”. Na opinião de Nuno Gomes (2004) “um pouco das duas coisas é o mais importante”, afirmando, “sinceramente, é capaz de ficar uma balança equilibrada”, continuando o jogador ao serviço do S.L.B. diferencia os dois tipos de futebol, referindo que “na rua tu pegas na bola e tanto jogas como defesa, avançado ou até na baliza”, já na formação tu “tens regras para cumprir, tens a tua posição e cada uma tem as suas características”. Rui Costa (2004), partilha da mesma opinião dos seus companheiros de selecção, considerando ambas importantes, “metendo numa balança ganhei 50% de um lado e 50% do outro”, e continua, dizendo que “de um lado (formação) ganhava a disciplina táctica, a disciplina de grupo (...), do outro eu ganhava a dificuldade de jogar na rua (...) a liberdade de eu poder fazer o que quero à bola (...) muito da minha criatividade foi ganha na rua, sobretudo na rua.”

Para Paulo Sousa (2009) para chegar a ser profissional não tem que começar logo cedo nas camadas jovens “Não ache que seja estritamente necessário, importante mas não fundamental. Alias lembro-me perfeitamente que o Lima Pereira que foi central do Porto chegou a profissional aos 27 anos. À jogadores que entram nos escalões de formação em faixas etárias mais elevadas e chegam a profissionais. Para seres um jogador de futebol de sucesso tens que gostar muito de futebol, teres as competências necessárias,

um pouco de sorte, as pessoas certas ao lado e tens de abdicar de muita coisa, lembro-me que muitas vezes os meus amigos iam a aniversários ou para discotecas e eu não ia porque tinha treinos ou jogo.” Tanto Nuno Gomes, como Rui Costa e Paulo Sousa referem que o treinador que mais influência teve para cada um deles foi o primeiro. Para Nuno Gomes (2004) ele foi importante porque “era uma pessoa talhada para os jogadores daquela idade, percebia muito de futebol e tinha muita paciência para ensinar os míudos, para mostrar que se quisessem chegar longe tinham que trabalhar muito”. Já para Rui Costa (2004), o primeiro treinador foi importante pelo motivo que “é a idade mais difícil de ensinar as duas coisas, de ensinar o trabalho táctico, ensinar a disciplina de grupo (...) quando te passam para os iniciados, já as coisas são um bocadinho mais a sério. Já tu tens que vir com uma base boa de trás (...) começam-te a ensinar que não tens sempre que correr atrás da bola, que tens que saber ocupar uma posição. Não te metem uma corda no pescoço e te dizem a táctica é esta; dão-te uma ideia do que é estar num campo de futebol. É como a escola primária, ensinam-te o abc”.

Paulo Sousa (2009) “Na minha formação foi o David com quem ainda hoje me relaciono, eu fiz toda a minha formação no Canidelo e ele sempre soube conciliar a realidade de um clube com a dimensão do Canidelo com o nos dar algo que vinha de outros clubes mais conhecidos.” Para Ivo Pinheiro (2009) foi

O bom treinador das camadas mais jovens não é aquele que proíbe, mas sim aquele que guia.

De salientar ainda que na opinião de Figo (2004) “muitas das vezes a qualidade não é por si só suficiente para singrar (...) se não tens dedicação, se não te esforças realmente, por muita qualidade que tenhas, acabas por não atingir os objectivos (...) se queres chegar a um nível alto, a uma equipa de top, unicamente a qualidade, penso eu, não é suficiente”.

5.7 Futebol de rua a desaparecer, excelência em perigo

“a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, criam.”.
Jorge Valdano (2002)

O futebol de rua é um fenómeno em vias de extinção e que nos deve preocupar. A crescente urbanização, o aumento do tráfego e dos níveis de criminalidade, são factores que têm contribuído de forma decisiva para o seu desaparecimento, mas não só, também a falta de vontade das crianças e a existência de outros entretenimentos, estão na base deste pseudo-desaparecimento. Como refere Rui Costa (2004), “as crianças têm muito mais brincadeiras em casa, as *playstations* e esses computadores todos. Naquela altura (referindo-se quando era criança), não havia nada disso, e portanto o nosso divertimento era jogar à bola. Tinha a felicidade também de na zona onde nasci, haver uma grande quantidade de crianças, mais ou menos da mesmas idades, e isso também tornava mais fácil, arranjar companhias para jogar à bola. (...) Havia mais vontade (...) e então procurávamos mais situações para o fazer”. Nuno Gomes (2004) também partilha a mesma opinião, “já não se vê as crianças a jogar em qualquer lado. (...) Vê-se que as crianças têm outro tipo de entretenimentos, e isso dos computadores tem vindo a ocupar, e muito, as crianças nos dias de hoje”.

Todos os entrevistados vão ao encontro do que a revisão da literatura referência quanto às nefastas consequências desse possível desaparecimento.

Sem dúvida, uma das razões da falta de imaginação e criatividade de alguns jogadores, tem a ver com o lugar em que estes começaram a jogar futebol. Para Rui Costa (2004), o desaparecimento do futebol de rua “é muito mau! (...) Muitas das bases do jogador são criadas nesse futebol”. No mesmo «comprimento de onda» alinha Nuno Gomes (2004) que diz que essa extinção pode reflectir-se no futuro em termos de qualidade de jogo.

O futebol actual está a tornar-se vítima do desaparecimento da espontaneidade e do detalhe que a rua possui. Isto traz implicações não só a nível colectivo, como a nível individual. A nível colectivo, o futebol de hoje

começa a ser mais físico, onde sobra pouco espaço para a criatividade, para a magia, para a liberdade e para o respeito pela bola. Por outro lado Rui Costa (2004) refere que, o desaparecimento do futebol de rua “é muito mau sobretudo a nível individual. As bases e os conhecimentos que tu vais aprendendo nesse futebol de rua vão-te ser muito úteis no futuro. Se perderes estes hábitos de jogar na rua, no alcatrão, na terra, na pedra... não digo que vais ter mais dificuldades, mas não vais ter a base. (...) Aquele é um futebol «pobre» e para tu seres um jogador «rico», não em termos de dinheiro, mas «rico» no sentido de ser um jogador com grandes bases, precisas de aprender esse futebol «pobre»”.

Todas as entrevistas atribuem uma grande importância à liberdade que existe no futebol de rua, segundo Figo (2004), “no futebol de rua tens a tua liberdade para fazer aquilo que bem entendes (...) Estás muito mais livre para fazeres aquilo que pretendes”. No mesmo seguimento, Rui Costa (2004) diz que, “a liberdade, o fazer o que queres à bola, (...) são coisas que não aprendes na formação, aprendes sim no futebol de rua (...) e perdendo estes aspectos do futebol de rua, vais perder muito mais criatividade, e o futebol passa a ser cada vez menos criativo”.

Antigamente não tinha lógica falar-se em escolinhas de futebol, tudo se aprendia na rua. Mas como refere Figo (2004) “com a edificação que existe em todo o país, é extremamente difícil encontrar espaços para se jogar na rua”, e então começam a surgir outras oportunidades, como escolinhas, colectividades e coisas desse género. Porém, na maior parte das vezes, quem as constrói pensa mais nos benefícios financeiros que podem retirar deles, do que propriamente o interesse em que os miúdos brotem as suas qualidades. Tal como refere Nuno Gomes (2004) “o trabalho realizado hoje é diferente”. De uma forma mais profunda, Figo (2004) refere que “de certa forma tens mais condições para a prática do futebol, mas isso também depende muito das pessoas que estão à frente dessas escolinhas, e da formação que possam dar a esses miúdos”. Para Paulo Sousa (2009) esse desaparecimento ocorre “ em países mais desenvolvidos, no nosso caso ele está a desaparecer mas nos temos as escolinhas, o problema é q nas escolinhas deixa de existir a liberdade que existe na rua, deixas de ser tu a decidir e passam a decidir por ti. No

entanto em países mais pobres como Brasil, Argentina, existe e vai continuar a existir esse futebol de rua, e vão continuar a aparecer jogadores como Messi e Cristiano Ronaldo.

A lógica que está subjacente ao futebol de rua, ou seja, a ênfase no jogar, e os diferentes e imprevisíveis graus de dificuldades que coloca, não pode ser perdida. A rua permite a aquisição de experiências de forma ampla e geral, jogando sem muita intervenção ou direcção externa.

Só conhecemos uma forma de aprender a jogar futebol... treinando e jogando futebol!!! Os miúdos querem é jogar! Tal como refere Figo (2004) “os miúdos nestas idades, têm que se divertir (...) disfrutar do futebol”.

6. CONCLUSÕES

Não é possível supor que, à medida que aumenta a complexidade do quadro de investigação, com recurso a diversas variáveis e ópticas d exame, haja um método que, por si só, satisfaça todas as exigências de observação, análise e interpretação dos factos e interpretação dos factos empíricos.

(F. Sobral, 1993)

Definir claramente um conjunto de afirmações conclusivas, obriga naturalmente, à existência de uma experiência de conhecimentos que saiba referenciar-se ao ponto em que começou o estudo, para depois confirmar, se o objectivo previsto foi alcançado.

Face à escassa bibliografia e cientes do que pretendíamos, procuramos outros caminhos que nos permitissem conferir ao trabalho a desejada sustentabilidade.

Perante a análise dos resultados obtidos através das entrevistas concluímos:

- Todos os entrevistados referem que a sua iniciação no futebol, tem como denominador comum a rua.
- Todos eles chegaram ao futebol de rua em idades baixas (6-11 anos), muito antes de se iniciarem no futebol federado, e mesmo depois, alguns continuaram a praticá-lo até chegarem a profissionais.
- Os entrevistados referem que a paixão e o gosto pelo futebol é adquirida na rua, pois sempre que tinham tempo livre, todo ele era gasto nesse fim.
- Para todos Futebol de rua é sinónimo de liberdade, criatividade, espontaneidade, prazer, divertimento, imitação...

- Os entrevistados citam que é no futebol de rua que os jogadores adquirem as bases, principalmente a nível técnico que lhe vão ser extremamente úteis no futuro.
- Todos mencionam que o Futebol de rua é uma fonte inesgotável de riqueza, pois faz aumentar o cardápio de resposta a uma situação problema, cardápio esse que começa a rarear nos jogadores de hoje, já que ele encerra na multilateralidade da criança, diferentes bolas, pisos, numero de participantes, diferentes tamanhos de balizas, diferentes equipamentos, porque na rua toda a gente ta vestido de maneira diferente.
- Todos eles mencionam que o Futebol de rua é um fenómeno em vias de extinção e motivo de preocupação. A crescente urbanização, o aumento do tráfego e dos níveis de criminalidade, são factores que tem contribuído de forma decisiva para o seu desaparecimento, mas não só, também a falta de vontade das crianças e existência de outros entretenimentos (playstations e internet), estão na base deste pseudo-desaparecimento
- Todos afirmam que futebol de rua e formação (nos clubes) são complementares, atribuindo percentagens de igual importância numa formação completa de um atleta.
- Os entrevistados referem que não é decisivo iniciar-se a formação nos mais baixos escalões para se chegar á excelência.
- A maioria dos entrevistados (3) manifestaram admiração por jogadores da mesma posição que mais tarde acabaram por singrar.
- Todos eles mencionam que as escolinhas deverão assumir um papel cada vez mais importante no colmatar da progressiva extinção do futebol de rua, devendo para isso mudar muito das suas directrizes, isto é, devem direccionar também a sua atenção/preocupação para a formação

do jovem jogador, criando-lhe situações em que a lógica subjacente ao futebol de rua esteja presente.

7. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

A realização de qualquer estudo esclarece tantas questões como aponta outras e, sobretudo, suscita sempre interrogação e reflexão que nem sempre são possíveis de debater em simultâneo.

Neste sentido, seria interessante a concretização de um trabalho semelhante, mas com mais entrevistas a jogadores de excelência, já que a escassez de entrevistas do presente estudo não permite aprofundar muito mais, algumas das conclusões obtidas. .

Outra possibilidade, seria também a elaboração de mais um estudo com vista a salientar as diferenças entre jogadores de excelência e jogadores que não alcançaram essa designação, na medida em que os trabalhos realizados sobre este assunto deixam sempre margem para dúvidas e continuam a não constituir estudos rigorosos.

Por ultimo, também nos parece pertinente a realização de um estudo com jogadores de excelência de diferentes continentes e culturas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, S. (2003): Deco – o preço da glória. PrimeBooks.
- Arcucci, D. e Bialo, E. (2001): Eu sou El Diego. Oficina do Livro 2001.
- Bandura (1998) : Psicologia 11. Areal Editores.
- Cardoso, J. (1995). “Especificidade Precoce – Contributo para uma “Não Especialização Precoce”. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Castro, R. (1995). Estrela Solitária – Um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras.
- Côté, J. & Hay, J. (2002). Children’s involvement in sport: A developmental perspective. In Silva, J. & Stevens, D. *Psychological foundations of sport* (2^a Ed.). Boston: Merrill: 484-502.
- Côté, J.; Baker, J. & Abernethy, B. (2003). From play to practice: developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In *Expert performance in sports: advances in research on sport expertise*. Parte II; Chapter 4, 89-114.
- Co Adrianse (1993). A fábrica de campeões do Ajax. In Jornal “O Público”, 26 de Abril de 1993.
- Cruyff, J. (1997). *Mis Futbolistas y yo*. Ediciones Grupo Zeta.
- Cruyff, J. (2002): Me gusta el fútbol. RBA Editores. Barcelona.

- Damásio, A. (1994): O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano. Publicações Europa-América. Mem Martins.
- Dicionário da Língua Portuguesa (2003). *Porto Editora*.
- Durand-Bush, N. & Salmela, J. (1996). Nurture over Nature: A new twist to the development of expertise. *Avante, 2, nº2*: 173-198.
- Ericsson, K.; Krampe, R. & Tesch-Romer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review, 100*, 363-406.
- Eusébio (1992). Entrevista in Documentário: Eusébio. Episódio 6 [VHS]. RTP2.
- Fonseca, H. (2006): Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e implicações para a aprendizagem do Jogo. Trabalho monográfico realizado na disciplina Seminário – opção Futebol – FCDEF – UP.
- Frade, V. (1985): curso de actualização de Futebol – alta competição no Futebol: que exigências de tipo metodológico. ISEF – UP.
- Frade, V. (2003/2004). Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I e II Opção de Futebol. (não publicado). Faculdade de Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Garganta, J. (2002): A investigação científica em Futebol.
- Garganta, J. (2004). A formação Estratégico-Táctica nos jogos desportivos colectivos de oposição e cooperação. In *Desporto para crianças e Jovens: razões e Finalidades, 217-233* A. Gaya, A.Marques & Go Tani (Orgs.). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS Editora.

- Garganta, J e Pinto, J. (1994): O Ensino do Futebol. In O ensino dos Jogos Desportivos: 97-137. A. Graça e J. Oliveira (Eds) Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDEF-UP, Porto.
- Hahn, E. (1988). *Entrenamiento con niños: teoría, práctica, problemas específicos*. Barcelona, Martínez Roca.
- Helsen, W. ; Starkes, J. & Hodges, N. (1998). Team sports and the theory of deliberate practice. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 20: 12-34.
- Hodges, N. & Starkes, J. (1996). Wrestling with the nature of expertise: A sport specific test of Ericsson, Krampe, and Tesch-Römer's (1993) theory of "deliberate practice." *International Journal of Sport Psychology*, 27: 400-424.
- Klinsmann, J. (2006). Entrevista [em linha]: www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1394024,00.html.
- Lobo, L. (2002). *Os Magos do Futebol*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Morin, E. (1998): *Introdução ao pensamento complexo*. Edições Piaget.
- Mosley, J. (2005). *Ronaldo: A jornada de um génio*. Campinas/SP: Verus Editora LTDA.
- Nietzsche, F. (1980): *A geneologia da moral*. Guimarães & C.^a Editores. Lisboa.
- Oliveira, B. (2002): Um Embuste, a Qualidade do Futebol Italiano? Um novo ponto de partida: a estrutura acontecimental da...«carga versus desempenho». Trabalho monográfico realizado na disciplina Seminário – opção Futebol – FCDEF – UP.

- Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário – A palestra dos treinadores de Futebol antes do jogo*. Camarate: Editora Prime Books.
- Pelé (2006). Entrevista in Documentário: *The Art of Football* [VHS]. Editor: Bastian Ahrens.
- Queiroz, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em Futebol*. Lisboa: FPF.
- Queiroz, C. (2004). Entrevista in *Jornal “A Bola”*, 28 de Dezembro de 2004.
- Ramos, F. (2003): *Futebol – da “Rua” à Competição*. Instituto do Desporto de Portugal. Lisboa.
- Robson, B. (2006). *Bobby Robson: A minha autobiografia*. Editora Prime Books.
- Maradona, D. (2001). *Eu sou el Diego*. Lisboa: Oficina do livro.
- Michels, R. (2001). *Team Building - the road to success*. Spring City: Reedswain Publishing.
- Roxburgh, A. (2003). Entrevista [Em linha]: www.uefa.com
- Ruíz & Sánchez (1997). *Rendimiento deportivo : claves para la optimización del aprendizaje*. Madrid, Gymnos.
- Scanlan, T.; Carpenter, P.; Schmidt, G.; Simons, J. & Keeler, B. (1993). An introduction to the sport commitment model. *Journal of Sport and Exercise Psychology*; 15, 1-15.

- Sócrates, S. (s/d). Entrevista [Em linha]: www.skulapius.com.br/esportes/ed26/ed26.php.
- Soares, J. (1995): Inteligência Superior do jogador de Futebol, abrangência contextual e seu desenvolvimento. Trabalho monográfico realizado na disciplina Seminário – opção Futebol – FCDEF – UP.
- Sobral, F. (1993): Sobre a atitude e o método em Ciências do Desporto. Departamento de Ciências do Desporto. Edições FMH. Lisboa.
- Teodorescu, L. (1984): Problema de teoria e metodologia nos jogos desportivos. *Livros Horizonte*. Lisboa.
- Valdano, J. (1997). *Los Cuadernos de Valdano* Madrid: El Pais Aguilar.
- Valdano, J. (1998): *Los Cuadernos de Valdano*. El Pais Aguilar. Madrid.
- Valdano, J (2002). *El miedo escénico y otras hierbas*. Madrid: Aguilar, Spain.
- Vale, I. (2004). Entrevista in Revista “Noticias Magazine”, 17 de Julho de 2004.
- Vingada, N. (1989): *Ensino / aprendizagem do Futebol*. IDAF.
- Wein, H. (1999). Entrevista in Revista Digital Educación Física e Deportes
- Buenos Aires. [Em linha]: <http://www.efdeportes.com/efd13/hwein.htm>

9. ANEXOS

Entrevista a **Luís Figo**

Jogador do Real Madrid CF

Hotel Quinta das Lágrimas – Coimbra, 27/04/2004

Bruno: *Com que idade começaste a jogar futebol federado?*

Luís Figo: Federado comecei com 11 anos, numa colectividade perto da minha rua, onde tinha todos os meus amigos.

Bruno: *E antes disso, onde jogavas?*

Figo: Antes, jogava nos recintos de futebol de salão, ou nos campos de terra, onde pudesse. Futebol sem ser federado jogava com os meus amigos, e onde pudesse jogar com uma bola. Com os companheiros de rua fazíamos aqueles «derbys».

Bruno: *Com que frequência?*

Figo: Mais ao fim-de-semana, porque durante o dia tinha escola. Jogava nos tempos livres (mais ao fim-de-semana).

Bruno: *Que importância atribuis a esse factor (futebol de rua), para te teres tornado no que és hoje?*

Figo: O Futebol nasce um pouco connosco; acima de tudo adquiri o prazer e o gosto que eu sempre tive a jogar futebol, o que foi extremamente importante para querer seguir esta carreira. Mas logicamente a base, ou seja, a prática e a experiência vais adquirindo consoante vais crescendo, mas é extremamente importante nessa altura, quando és jovem (8/9/10 anos). Porém não significa que tenhas de estar numa colectividade ou num clube, pois se gostas de jogar futebol, em qualquer espaço ou em qualquer momento que tenhas oportunidade, acabas por praticá-lo.

Bruno: *Em termos da criatividade, na formação os miúdos estão mais condicionados. O que achas disso em relação ao futebol de rua?*

Figo: No futebol de rua tens a tua liberdade para poder fazer aquilo que bem entendes, podes jogar 2x2, 3x3, podes passar o tempo a brincar com a bola; eu lembro-me perfeitamente quando antes de jogar federado, nós não tínhamos balizas, e arranjávamos quatro pedras para as balizas e jogávamos 1x1, 2x2, o que fosse necessário. Logicamente estás muito mais livre para fazer aquilo que pretendes. Mas hoje em dia eu penso que a formação acaba por ser importante, e de certa forma também te ajuda a crescer em questões técnicas, pois ainda não são tão rígidos em termos tácticos. Quando comesas com 12/13 anos, logicamente, tens de saber a tua posição, os teus espaços, mas também não são muito rígidos em comparação com o futebol profissional.

Bruno: *Quando começaste com o futebol federado, deixaste esse futebol ou continuaste na rua com os teus amigos e colegas?*

Figo: Quando comecei federado tinha jogos ao fim de semana, nós treinávamos algumas vezes por semana (se bem me lembro não treinávamos todos os dias), é lógico que deixei. Os torneios que jogava futebol de 5 (na nossa rua tínhamos uma equipa de futebol de salão), deixei-os para me dedicar de certa forma ao futebol de 11, porque também me ocupava muito mais tempo e a disponibilidade que tinha para esses torneios já não era a mesma. Tinha de estar preparado para o Domingo estar em condições.

Bruno: *Visto que o futebol de rua está a desaparecer, achas que isso vai ter implicações ao nível do futebol? Tanto ao nível colectivo quer ao nível individual?*

Figo: Cada vez mais os jovens se iniciam extremamente cedo nos clubes. Hoje em dia vês miúdos de 9/10 anos já a jogarem nos infantis e nas escolinhas; existem se calhar mais condições nesse sentido porque existem muitas escolas de jogadores e coisas desse género, e também porque hoje, se calhar os espaços perto de casa térreos já não sejam os mesmos de há uns anos atrás. Logicamente, com a edificação que existe em todo o país, é extremamente difícil encontrar espaços para se jogar futebol na rua, a não ser que seja em

recintos ou em ringues, se não torna-se difícil. Hoje em dia há outras oportunidades como escolinhas, colectividades... portanto penso que acabar não acaba. Mas é extremamente mais difícil encontrar espaços para se jogar futebol...

Bruno: *Mas achas que isso vai influenciar, uma vez que nas escolinhas eles vão estar mais condicionados, enquanto que no futebol de rua há mais liberdade...*

Figo: Não sei. De certa forma tens mais condições para a prática do futebol, mas isso também depende muito das pessoas que estão à frente dessas escolas, e da formação que possam dar a esses miúdos. Nestas idades, têm que se divertir, e não estar agarrados, nem estar rígidos em relação a um regime de certos treinos; nessa altura tens que te divertir e disfrutar do futebol, porque se aos 9/10 anos te incutem um espírito de fazer isto, aquilo e aquilo, acabas por não ter a paixão de jogar futebol e acabas por ficar saturado.

Bruno: *Quais os jogadores que mais admiravas?*

Figo: Tinha vários. Na minha altura, portugueses era o Chalana; Estava o Futre a começar, o Jordão, o Gomes... Depois tive a felicidade também de encontrar no Sporting jogadores que admirava como o Venâncio e o Oceano. Penso que são jogadores que sempre me marcaram, tanto de um ponto de vista de referência como depois tive a sorte de poder trabalhar com eles e ter um contacto diário com eles.

Bruno: *Tentavas imitá-los?*

Figo: Imitar acho que não. Tinha-os como referência e apreciava-os, e olhava para eles como uma referência no sentido de ver o que faziam para tentar de certa forma, não ser igual mas aprender as coisas boas que eu pensava que tinham e que faziam.

Bruno: *Mediante a tua experiência, achas que para se tornar num jogador de sucesso é necessário chegar aos níveis de formação o mais baixo possível?*

Figo: Não vejo que seja essencial começar com 9/10 anos a jogar futebol. Não penso que seja o mais importante, porque nessa altura nunca sabes se vais chegar a profissional ou não. Penso que nessa altura tens que ter o prazer de jogar futebol, com os teus amigos, ou se tiveres a oportunidade de jogar numa colectividade, pois bem, mas não é aos 9/10 anos que sabes se vais lá chegar ou não...

Bruno: *Imagina que um miúdo chega ao futebol federado com 14/15 anos. Achas que ele vai estar mais condicionado por isso?*

Figo: Não. Eu acho que com essa idade (13/14 anos) tu chegas ao futebol federado, tens margem suficiente para aprender o que é o base, porque profissional só serás depois aos 17/18 anos. É suficiente começar aos 12/13, penso eu, porque são idades que podes praticar futebol no sentido de teres margem para evoluir e saber perfeitamente se tens condições ou não para chegar ao futebol profissional. Eu, por exemplo, passei por todas as categorias, mas, como já disse, não vejo que seja essencial começar nos iniciados, porque com 12 anos podes jogar em qualquer lado, se tens esse gosto, e não será por não jogares num clube grande aos 12 anos que não vais singrar ou ter uma oportunidade no futebol.

Bruno: *Colocando nos dois pratos de uma balança, formação e futebol de rua, qual dos dois achas que tem maior peso para que alguém se torne jogador profissional?*

Figo: Eu acho que são complementares. Tu comesças sempre na rua a jogar com os teus companheiros, depois se realmente tens gosto, prazer e alguma qualidade para continuar a jogar, entrarás numa colectividade ou num clube a partir, penso eu, dos 12 ou 13 anos, e de certa forma é aí que te vais formar e vais aprender o que é o futebol base com vista a ser profissional.

Bruno: *Mediante o teu processo de formação, qual foi o treinador que mais te marcou e porquê?*

Figo: Não posso enumerar um, porque penso que todos eles foram importantes na minha formação. O Sporting nessa altura tinha pessoas

extremamente sensíveis com a formação. Sempre foi um clube que fez um excelente trabalho em termos de formação, não só em termos de formação futebolística mas também como pessoa, e em termos escolares sempre se preocuparam nesse sentido. Também passei muito tempo na selecção, logicamente o professor Queiroz e o Professor Vingada foram os treinadores que eu tive mais contacto desde ao 14 anos praticamente, até depois os encontrar no futebol profissional. Mas desde o meu primeiro treinador no Sporting, o Barnabé, passando pelo professor Nascimento, ao Jesualdo, todos eles foram extremamente importantes, porque me ensinaram realmente o que é o futebol base.

Bruno: *Sendo hoje o jogador que és, e fazendo uma retrospectiva do que foi o teu processo de formação, o que gostarias que tivesse sido diferente? Alguma coisa que tu gostarias que tivesse sido feito de outra maneira e que te pudesse ter ajudado mais quando passaste para o futebol profissional...*

Figo: Não, porque eu passei por todos os escalões em termos de formação; eu tive nos iniciados, nos juvenis, nos juniores e não acho que me tenha faltado nada. Na altura havia duas equipas (equipa A e equipa B) e normalmente eram sempre dois anos de iniciados, dois anos de juvenis e dois anos de juniores, e eu passei sempre por esses dois anos; primeiro ano, os mais jovens jogavam pela equipa B para ganhar um pouco mais de experiência; os mais velhos, logicamente por tudo, jogavam na equipa A, e se realmente eras muito bom tinhas oportunidade de jogar na equipa A, que era em teoria a equipa dos mais velhos ou as melhores dos escalões. Mas eu passei por tudo. Comecei bastante jovem, como já afirmei, e também as ilações que tiro e que sempre tirei, é que ao longo da minha formação joguei com centenas de jovens, se calhar... se calhar não, de certeza pela sua qualidade, não sei quantos melhores do que eu na altura, mas muitas das vezes a qualidade não é por si só suficiente para singrar, porque podes ter muita qualidade, mas se não tens atitude, se não te dedicas realmente a isto, que ao fim de contas vai ser a tua profissão, se não tens dedicação, se não te esforças realmente, por muita qualidade que tenhas, acabas por não conseguir atingir os objectivos que se

calhar cada um tem, que são inferiores uns aos outros. Se queres chegar a um nível alto, a uma equipa de topo, unicamente a qualidade, penso eu, não é suficiente, e muitas das vezes se calhar nem é o mais importante.

Entrevista a **Nuno Gomes**

Jogador do SL Benfica

Hotel Quinta das Lágrimas – Coimbra, 27/04/2004

Bruno: *Com que idade começaste a jogar futebol federado?*

Nuno Gomes: Federado com 11 anos, nos infantis do Amarante.

Bruno: *E antes disso, onde jogavas? Locais, frequência...*

Nuno Gomes: Jogava aqueles torneios de futebol de 5, futebol de 7, futebol de salão...

Bruno: *E na rua?*

Nuno Gomes: Na rua jogava sempre, desde que me lembro, jogava sempre. Onde eu morava tinha um pátio de alcatrão e era lá que eu «esfolava» os joelhos, mas jogava sempre, sempre que havia tempo. Lembro-me perfeitamente que montávamos o campo com duas pedrinhas para servir de baliza e jogávamos; jogávamos ali, em frente a casa, no pátio de alcatrão.

Bruno: *Que importância atribuis a esse factor (futebol de rua), para te teres tornado no que és hoje?*

Nuno Gomes: Desde sempre gostei de futebol e, isso deu-me a oportunidade de eu ir ganhando ainda mais gosto pelo futebol, pelo jogo em si. Deu-me também a oportunidade de poder aprender, porque, nessas alturas aprendemos sozinhos... e depois eu lembro-me de ser a minha rampa de lançamento, esses torneios que se faziam no Amarante porque na altura andavam pessoas ligadas ao Amarante F.C. a ver miúdos e então eles vinham falar connosco, aqueles que tinham habilidade, para nós irmos treinar para o Amarante, foi mais ou menos como começou.

Bruno: *Quando começaste com o futebol federado, deixaste esse futebol ou continuaste na rua com os teus amigos e colegas?*

Nuno Gomes: Lembro-me que na escola jogava, mesmo jogando no Amarante; lembro-me que na escola jogava, não só nas aulas de Educação Física dentro do pavilhão, em que às vezes o professor decidia fazer aula livre e cada um escolhia o que queria fazer e nós montávamos logo o pavilhão para jogar futebol; nem as raparigas podiam fazer nada e, lembro-me também, nas férias jogar sempre., Arranjava sempre torneios para entrar, jogava sempre na praia quando ia de férias com os meus pais. Jogava sempre.

Bruno: *Então, não houve uma fase que tu disseste “não jogo mais futebol na rua”?*

Nuno Gomes: Quando ingressei no Boavista, eu ingressei com 13 anos mas por volta dos 15 deixei de praticar esse tipo de futebol porque comecei a pensar no risco que corria em termos de lesões, basicamente foi isso...

Bruno: *Não foi imposto por ninguém?*

Nuno Gomes: Não foi. Mas havia treinadores que diziam que não devíamos fazer isso. Porque éramos jogadores quase profissionais e portanto era complicado, se nós arranjássemos uma lesão fora do nosso meio. Mas, eu lembro-me que mais ou menos por volta dos 15/16 anos comecei só a orientar, a ser treinador e a ver jogar.

Bruno: *Visto que o futebol de rua está a desaparecer, achas que isso vai ter implicações ao nível do futebol? Tanto ao nível colectivo quer ao nível individual?*

Nuno Gomes: Nós ganhamos com a prática, e hoje em dia não se pratica tanto esse futebol, embora às vezes no Verão na praia se veja, sinto que não é a mesma coisa. Já não se vê as crianças em qualquer lado na rua a jogar. Claro que é prejudicial, vê-se que as crianças têm outro tipo de entretenimentos e isso dos computadores tem vindo a ocupar, e muito, as crianças nos dias de hoje.

Bruno: *Achas que isso vai influenciar o futebol nos futuros jogadores de futebol?*

Nuno Gomes: Espero que não, acho que se calhar não vai influenciar porque, hoje em dia há muitas escolas de futebol para crianças e por aquilo que vejo, praticamente essas escolas todas têm sempre crianças inscritas e prontas para se inscreverem e entrar nessas escolas. O trabalho hoje é diferente...

Bruno: *Mas sabes que essas escolas existem por questões financeiras, é um negócio...*

Nuno Gomes: Nem todas podem, é assim, hoje em dia as crianças com 7/8 anos já vêm o futebol com outros olhos. Hoje em dia com 7/8 anos começam a querer ensinar as crianças questões táticas, e a posição em que devem jogar...

Bruno: *Pode reflectir-se no futuro?*

Nuno Gomes: Exactamente, pode reflectir-se...

Bruno: *Quais os jogadores que mais admiravas?*

Nuno Gomes: Por volta dos meus 10 anos, era o Fernando Gomes. Gostava de o ver jogar, gostava dele pelos golos que marcava. Mais tarde, já mais crescido, admirava muito o Van Basten.

Bruno: *Tentavas imitá-los?*

Nuno Gomes: Isso não, se calhar quando era miúdo, na altura do Fernando Gomes, mas por acaso, é que eu tinha o cabelo parecido com o dele e por causa disso ganhei o apelido de Gomes...

Bruno: *Mas quando falo em imitar, é como modelo de jogador...*

Nuno Gomes: Não. Nunca tive tendência para olhar e tentar ver o que fazia dentro do campo, tentar fazer a mesma jogada ou mesmo tipo de maneira de chutar a bola...Fui aprendendo, e fui sempre aperfeiçoando sozinho. Acho que cada jogador tem a sua maneira, o seu estilo...

Bruno: *Mediante a tua experiência, achas que para se tornar num jogador de sucesso é necessário chegar aos níveis de formação o mais baixo possível?*

Nuno Gomes: Normalmente, é claro que há exceções porque há casos de jogadores que só começaram já tarde, alguns até com 18 anos, mas a maior parte dos jogadores começam desde pequeno a jogar futebol e desde cedo se percebe se esse jogador vai chegar longe, se vai ficar por um nível inferior. acho que convém...

Bruno: *Mas achas fundamental?*

Nuno Gomes: Acho que as estrelas não precisam, aquele jogador que nasce para vir a ser uma grande estrela, acho que não precisa ter a formação, porque já nasce com ele. Acho que é importantíssimo os jogadores passarem os escalões de formação, porque vão aprendendo de ano para ano e mesmo de dia para dia, e vão melhorando, trabalhando com gente séria e gente que percebe de futebol, vão aperfeiçoando as suas qualidades...mas há casos de jogadores que aos 15 anos, eu jogava com eles e toda a gente os apontava como grandes promessas, e hoje em dia não jogam...

Bruno: *Colocando nos dois pratos de uma balança, formação e futebol de rua, qual dos dois achas que tem maior peso para que alguém se torne jogador profissional?*

Nuno Gomes: Eu acho que um pouco das duas coisas é o mais importante mas não sei, sinceramente é capaz de ficar uma balança equilibrada...Aquilo que fazes na rua, não é o mesmo que se calar depois vais jogar, porque há regras, porque tu na rua pegas na bola e tanto jogas como defesa, ou avançado ou até na baliza e dentro de campo, num jogo a sério, profissional, tens regras para cumprir, tens a tua posição e cada uma tem a sua característica e isto aprendes na formação.

Bruno: *Qual o treinador que mais te marcou na formação? E porquê?*

Nuno Gomes: Olha, infelizmente, tive pouco tempo para trabalhar com ele poque faleceu mas o meu primeiro treinador a sério foi o sr. Xantre, foi nos infantis do Amarante e ele era uma pessoa talhada para os jogadores daquela idade, percebia muito de futebol e tinha muita paciência para ensinar miúdos, para mostrar que se quisessem chegar longe tinham que trabalhar muito...depois disso tive vários treinadores, tive o Neca Matos no Boavista que é um treinador com longa experiência a nível de camadas jovens...tive a sorte também de ter jogado e feito as camadas jovens no Boavista porque é uma das escolas que mais jogadores jovens consegue formar.

Bruno: *Sendo hoje o jogador que és, e fazendo uma retrospectiva do que foi o teu processo de formação, o que gostarias que tivesse sido diferente? Alguma coisa que tu gostarias que tivesse sido feito de outra maneira e que te pudesse ter ajudado mais quando passaste para o futebol profissional...*

Nuno Gomes: Sinceramente, houve um treinador que me disse nos séniores que até aos 28 anos estavas a aprender, a partir dos 28 não tens mais nada a aprender, que já aprendeste tudo, ou seja, se foste capaz de captar as ideias e de perceber o futebol em si. Mudava uma coisa e não mudava, gostava de ter tido um treinador que me dissesse para ser mais egoísta. Um tipo como eu, sendo ponta-de-lança, tenho que marcar golos e gostava de ter tido um treinador que me abrisse os olhos e dissesse “não passes a ninguém e marca tu”...mas eu também gosto de ser assim.

Entrevista a **Paulo Sousa**

Ex jogador do Boavista e Internacional A

Restaurante Dom Amado, 10/09/2009

Bruno: *Com que idade começaste a jogar?*

Paulo Sousa: Comecei aos 13 anos no futebol de 11 no Canidelo.

Bruno: *E antes disso, onde jogavas?*

Paulo Sousa: Antes disso jogava onde houvesse uma bola ou algo que se assemelhasse a isso, na rua com amigos ou apenas com conhecidos e no recreio da escola.

Bruno: *Que importância atribuis a esse momento (futebol de rua) para te tornares no jogador que foste?*

Paulo Sousa: Quem gosta de futebol aproveita todos os momentos para jogar futebol, e uma bola nem que fosse rota servia para jogar. Importante porque te apaixonas logo por aquela coisa redonda que toda a gente anda atrás, e que por vezes nem redonda é, o que faz com que para além de teres de te preocupar com os teus oponentes te preocupes com o controlo da “bola”, isso faz com que ganhes uma sensibilidade nos pés diferente. Para mim no futebol a coisa mais importante é a recepção e o passe e como a rua não é um sintético, tens de ter dupla atenção por a bola não te vai chegar redondinha, ela vai chegar aos “eses”, logo vais melhorar a tua sensibilidade com a bola, e se te adaptas no difícil, quando chegas a um relvado com ótimas condições ou a um sintético, tudo é mais fácil.

Bruno: *Quando o deixou de praticar?e pq?*

Paulo Sousa: Nunca deixei, não o fazia com a regularidade que fazia em criança, que até cheguei a levar umas palmadas da minha mãe devido á hora que chegava a casa, mas á medida que os anos vão passando continuei apenas a faze-lo nas ferias.

Bruno: *Visto que o futebol de rua está a desaparecer que implicações achas que isso poderá vir a ter na qualidade do futebol?*

Paulo Sousa: Ele está a desaparecer em países mais desenvolvidos, no nosso caso ele está a desaparecer mas nos temos as escolinhas, o problema é q nas escolinhas deixa de existir a liberdade que existe na rua, deixas de ser tu a decidir e passam a decidir por ti. No entanto em países mais pobres como Brasil, Argentina, existe e vai continuar a existir esse futebol de rua, e vão continuar a aparecer jogadores como Messi e Cristiano Ronaldo.

Bruno: *Que jogadores mais admiravas em criança? tentavas imita-los?*

Paulo Sousa: O jogador que mais me enchia os olhos na altura era o Platini, apesar de ele não jogar na minha posição, ele era a inteligência em movimento, tal como te disse á pouco para mim o futebol é recepção e passe e ele fazia isso, só tentava a finta como ultimo recurso ou então quando a equipa e não ele saia beneficiado disso. Eu tenho na escolinha um miúdo que cruza em trivela como o Quaresma, em termos técnicos é fabuloso, ele aprendeu isso a ve-lo fazer, logo a imita-lo, no entanto, ele faz sempre isso, não sabe quando o deve fazer.

Bruno: *Mas para isso está lá o treinador.*

Paulo Sousa: Sim, tens razão, é importante que ele tenha esses recursos técnicos mas que os coloque em função do que o colectivo necessita.

Bruno: *Para se tornar num jogador de sucesso, achas necessário chegar ao futebol nos escalões mais baixos da formação? Porquê?*

Paulo Sousa: Não ache que seja estritamente necessário, importante mas não fundamental. Alias lembro-me perfeitamente que o Lima Pereira que foi central do Porto chegou a profissional aos 27 anos. À jogadores que entram nos escalões de formação em faixas etárias mais elevadas e chegam a profissionais. Para seres um jogador de futebol de sucesso tens que gostar muito de futebol, teres as competências necessárias, um pouco de sorte, as pessoas certas ao lado e tens de abdicar de muita coisa, lembro-me que

muitas vezes os meus amigos iam a aniversários ou para discotecas e eu não ia porque tinha treinos ou jogo.

Bruno: *Qual o treinador da tua formação que mais te marcou?Porquê?*

Paulo Sousa: Na minha formação foi o David com quem ainda hoje me relaciono, eu fiz toda a minha formação no Canidelo e ele sempre soube conciliar a realidade de um clube com a dimensão do Canidelo com o nos dar algo que vinha de outros clubes mais conhecidos. Quando cheguei a sénior o que mais me marcou foi o Manuel José porque é um excelente condutor de homens.

Bruno: *Sendo hoje um jogador muito experiente, com muitos anos de futebol ao mais alto nível, o que gostaria que tivesse sido diferente no seu processo de formação?*

Paulo Sousa: Eu lembro-me que na minha formação havia muito treino físico, correr 30minutos á volta do campo antes dos treinos e agora isso está desajustado, podemos e devemos ir á procura das melhorias físicas no entanto colocar lá a bola.

Bruno: *A bola por si só? De uma forma integrada?*

Paulo Sousa: Não, claro que não é importante ter a bola , mas que vá ao encontro daquilo que tu queres que aconteça no teu jogo.

Entrevista a **Rui Costa**

Jogador do AC Milan

Hotel da Falperra – Braga, 30/03/2004

Bruno: *Com que idade começaste a jogar?*

Rui Costa: Comecei aos 6 anos no futebol de salão. E depois, futebol de 11, foi aos 9 anos no Benfica.

Bruno: *E antes disso, onde jogavas?*

Rui Costa: Na rua não sei quando eu comecei a jogar, porque desde que me conheço, que eu jogo à bola. Portanto deve ter sido assim que comecei a andar. Jogava na rua como todas as crianças. Depois tinha esta equipa lá na Damaia onde eu nasci, que era uma equipa basicamente de futebol de salão, tinha os escalões todos, por isso, com 6 anos, era o escalão mais novo, que foi quando eu comecei a jogar. Depois passei a federado no futebol de salão, e depois a federado no futebol de 11.

Bruno: *Com que frequência é que jogavas?*

Rui Costa: Todos os dias. Como criança, não creio que tenha sido diferente das outras crianças, na forma de querer jogar futebol. Jogava futebol de manhã à noite! Ou seja, das horas que tinha durante o dia, as horas disponíveis eram para jogar à bola. Tirando os estudos, e as coisas de criança, até porque naquela altura havia muito menos jogos; agora as crianças têm muito mais brincadeiras em casa, as «playstations» e esses computadores todos. Naquela altura não havia nada disso, e portanto o nosso divertimento era jogar à bola. Tinha a felicidade também de na zona onde nasci, haver uma grande quantidade de crianças mais ou menos das mesmas idades, e isso também tornava mais fácil arranjar companhias para jogar à bola.

Bruno: *Que importância atribuis a esse factor (futebol de rua), para te teres tornado no que és hoje?*

Rui Costa: Foi o que me fez ser jogador de futebol. Por todas as razões, pelo gosto... pelo gosto que eu demonstrava nesse tal futebol de rua, nessa vontade

que eu tinha de andar sempre com uma bola de baixo do braço e poder jogar à bola, deu-me a vontade; por outro lado, é no futebol de rua que tu melhoras as tuas condições todas; no futebol de rua também ganhas alguns vícios, mas é ali que tu ganhas a tua técnica, a tua forma de correr... tudo isso é no futebol de rua.

Até porque não tens nesse futebol os relvados de hoje, por isso, até mesmo as condições precárias onde se jogava, ajudam-te principalmente ao nível técnico.

Bruno: *Quando começaste com o futebol federado, deixaste esse futebol ou continuaste na rua com os teus amigos e colegas?*

Rui Costa: Só deixei esse tipo de futebol aos 17 anos...

Bruno: *...E porquê?*

Rui Costa: Porque passei a profissional e já não me permitia conciliar as duas coisas. A partir dos juniores comecei a treinar todos os dias, mas até aos juniores eu não treinava todos os dias, treinávamos 2 ou 3 vezes por semana no Benfica, o que me permitia pelo menos jogar ao sábado futebol de salão, e depois ao domingo ia jogar futebol de 11 pelo Benfica ou vice-versa. Era coisa que já não podia fazer, ou fi-lo até muito mais tarde daquilo que podia, mas era um gosto muito particular que eu tinha, jogar futebol de salão; Não ia treinar com os meus colegas de futebol de salão, mas jogava de qualquer das formas ao Sábado ou ao Domingo naqueles torneios que se fazem nas zonas onde moras, no meu caso era no concelho da Amadora. Fazia-se ali muitos torneios e eu participava sempre. Tinhas também a facilidade de teres força para jogares ao sábado e ao domingo, era tudo igual, podias jogar até à 2ª, 3ª, 4ª era sempre igual. Coisa que depois a partir do momento que passei a profissional, até porque o meu primeiro ano de profissional é em Fafe, e portanto já é fora da minha zona, evidentemente a partir daí deixei de jogar futebol de salão. Jogo agora nas férias, continuo a jogar nas férias. Desde que fui campeão do mundo, há um torneio na Amadora que tem o meu nome, que participa esta equipa que é o Ginásio da Damaia, e normalmente participa o Benfica, o Sporting e depois uma outra equipa de Lisboa. É um torneio que no futsal está a ter um certo cartel, realizado em minha homenagem, tem o meu

nome, e eu que deveria dar apenas o pontapé de saída, faço os jogos todos, ou melhor, os dois jogos, mas faço-os do princípio ao fim.

Bruno: *Visto que o futebol de rua está a desaparecer, achas que isso é mau para o Futebol?*

Rui Costa: É. É muito mau! Como disse à pouco, muitas das bases do jogador são criadas nesse futebol de rua. A começar na vontade de jogar futebol até aquilo que para mim é fundamental, as situações precárias que tu jogas, faz com que tu te prepares face às muitas dificuldades que depois irás encontrar ao longo da tua carreira. Também me parece a mim, que hoje há menos vontade das crianças sacrificarem-se nesse tipo de futebol de rua, no alcatrão, na terra...

Bruno: *...E agora com os sintéticos...*

Rui Costa: Agora há mais condições e menos vontade, porque não é verdade que há menos condições para isso. Há mais condições para isso! Porque antigamente não havia tantos ringues, tantos pavilhões, tantos campos sintéticos... tantas oportunidades dessas para jogar à bola. Antigamente tu tinhas que criar o campo. Nós na minha rua... era pouco mais larga que isto... isto tem quê? 7 metros? ... e nós daqui fazíamos um campo de futebol, na rua, na pedra... as balizas eram as portas das casas. Havia mais vontade de jogar à bola, e então procurávamos mais situações para o fazer. Agora, ou se escolhe o sítio ideal para se jogar, ou então não! Jogar ali não! Ali não jogamos! E na altura, se calhar com menos oportunidades que nós tínhamos, se calhar aproveitávamos mais.

Bruno: *E é mau tanto ao nível individual como colectivo?*

Rui Costa: O colectivo, se tu de miúdo fizeres um desporto colectivo, isso traz-te uma base importante para esse tipo de desporto. É um bom vício que tu podes criar logo de criança, jogar com os amigos na rua, aprenderes a jogar com a tua equipa; é uma coisa importante. Mas é muito mau sobretudo a nível individual. As bases e os conhecimentos que tu vais aprendendo nesse futebol de rua, vão-te ser muito, muito úteis no futuro. Se perderes estes hábitos de

jogar na rua, no alcatrão, na terra, na pedra..., não digo que vais ter mais dificuldades, mas não vais ter a base, que como nós costumamos dizer: o jogador “pobre” jogou! Aquele é um futebol pobre! E para tu seres um jogador “rico”, não em termos de dinheiro, mas “rico” no sentido de ser um jogador com grandes bases, precisas de aprender primeiro esse futebol pobre, como se costuma dizer... Por exemplo, um jogador que saia dos juniores, mesmo que seja bom, um ano numa 2ª divisão ou 3ª divisão, não lhes faz mal. Eu fi-lo no Fafe que era 2ª divisão B e foi um ano que a mim me deu uma base tremenda, uma base muito importante para a minha carreira. Não quer dizer que todos tenham que passar por isso, mas é importante que isso aconteça às vezes.

Bruno: *Nesse futebol de rua, há muito a questão da imitação. Aconteceu contigo?*

Rui Costa: É normal. Tu cresces a ver os teus ídolos...

Bruno: *...E quais eram?*

Rui Costa: Os meus eram o Carlos Manuel e o Platini. Dois jogadores que jogam na posição que mais ou menos jogo. O meu ídolo interno era o Carlos Manuel, o meu ídolo completo era o Platini. E posso-te garantir que ainda hoje tenho vícios principalmente do Carlos Manuel. Para mais, depois eu aos nove anos quando fui para o Benfica, passei também a fazer de apanha-bolas nos jogos do Benfica. Eram os miúdos do futebol juvenil que faziam de apanha-bolas e eu tenho vícios ainda hoje, aos 32 anos, que são vícios ou superstições que eu apanhei dele, e que ainda hoje as uso. Como por exemplo, o facto de ser, ou pretender ser o último a entrar em campo, é um vício que o Carlos Manuel tinha, e eu apanhei esse vício depois de o ver.

Bruno: *Além de os veres, tentavas imitá-los?*

Rui Costa: Tu até uma certa idade tentas imitar, porque quando tens um ídolo é como dizer: eu gostava de ser aquela pessoa. Então tentas imitar. Chegas a uma determinada altura, tu passas a ser tu mesmo, não dá para imitar mais nada. Não vais estar a ver como é que ele corre, como é que ele chuta, como é

que ele joga... Até uma certa idade tens a ideia de que o podes fazer, depois apercebes-te de que tens o teu próprio estilo, e vais usar o teu próprio estilo. Este ídolo é o facto de tu gostares muito de veres aquele jogador jogar, mas não podes pretender ser igual àquele jogador, tens de ser igual a ti mesmo.

Bruno: *Mediante a tua experiência, achas que para se tornar num jogador de sucesso é necessário chegar aos níveis de formação o mais baixo possível?*

Rui Costa: Sabes que não a todos aconteceu isso, não a todos os grandes jogadores do futebol mundial aconteceu isso. Mas à grande maioria, eu direi até, 95 % dos jogadores começaram muito cedo, porque quantos mais anos tiveres de formação, mais bases irás ter, mais aspectos importantes na vida de um jogador vais aprender. E portanto, acho que é importante que um jogador comece cedo, não é decisivo porque tu podes ter muito talento e só descobrires esse talento, ou só descobrires essa tua grande vontade, essa tua grande paixão de jogar futebol aos 15/16 anos. Mas quanto mais bases tiveres, melhor é.

Bruno: *Colocando nos dois pratos de uma balança, formação e futebol de rua, qual dos dois achas que tem maior peso para que alguém se torne jogador profissional?*

Rui Costa: Sabes aquilo que eu acho? Porque eu vivi as duas situações, acho que são importante as duas. Ou seja, é importante a tua formação, e eu tive essa grande oportunidade, essa grande vantagem, que era ser jogador de uma equipa como era o Benfica nas camadas jovens, ter essa grande base, e ao mesmo tempo sair destes treinos, e fazer o futebol de rua. E então ganhava as duas coisas. Metendo na balança, ganhei 50% de um lado e 50% do outro...

Bruno: *...Se calhar foste um privilegiado. A questão da formação pode estar condicionado...*

Rui Costa: ...Mas não se trata só de ser um privilegiado. Trata-se sobretudo de eu ter pretendido as duas coisas. Porque o facto de eu jogar todos os dias na rua, e jogava todos os dias à bola na rua ou na escola, e depois chegava ao

treino e treinava também. Portanto, de um lado eu ganhava a disciplina tática, a disciplina de grupo, o saber estar com os meus colegas. Do outro lado eu ganhava a dificuldade de jogar na rua, o nunca querer perder na rua, porque os amigos depois gozavam-te o dia inteiro, sabes que isso é verdade...A liberdade de eu poder fazer o que quero à bola. Portanto a meter na balança, posso dizer que de um lado tinha 50% de coisas boas, do outro lado igual. Portanto o meu 100%, digamos que posso dividir entre o futebol de rua e o futebol de formação de clube. Ganhas nas duas coisas...

Bruno: *Muita da tua criatividade, foi ganha onde?*

Rui Costa: ... na rua, sobretudo na rua.

Bruno: *Se o prato da balança que contém o futebol de rua está cada vez mais a desaparecer, achas que isso pode ter implicações ao nível da qualidade de jogo do Futebol daqui por uns anos?*

Rui Costa: Pode ter, pode ter. E não por acaso... por exemplo, eu jogo num país que é um bocado o espelho disso. É um futebol muito defensivo. Isto porquê? Porque tu aprendes desde miúdo a tática. E há uma coisa muito forte no explicar da tática, nos aspectos táticos, tens que compreender a situação tática... e, fazendo só isso, perdes muito da tal liberdade que eu te falava à pouco, a do futebol de rua; a liberdade, o fazer o que queres à bola, que são coisas que não aprendes numa formação, aprendes sim no futebol de rua a jogar com os teus amigos, e portanto, perdendo este aspecto do futebol de rua, vais perder muito mais criatividade, e o futebol passa a ser cada vez mais tático e menos criativo. Ou então começa a aparecer jogadores muito mais bem preparados taticamente, porque não trazem o vício de rua, mas aparecem com muito menos criatividade porque perdem esse tal vício da rua.

Bruno: *Para ti, qual foi o treinador da formação que mais te marcou e porquê?*

Rui Costa: Foi o primeiro. Foi o Arnaldo Teixeira. Porque é a idade mais difícil de ensinar as duas coisas, de ensinar o trabalho tático, ensinar a disciplina de grupo... O Arnaldo Teixeira treinou-me desde os 9 anos até aos 12 anos, e é

uma idade importante. É idade em que tu comesças a ter que aprender a lidar com os teus colegas, porque na rua tens menos esse aspecto, tens mais o aspecto de querer ganhar para não ser gozado, para seres o melhor da rua... Mas aquela é uma idade que quando te passam para os iniciados, já as coisas são um bocadinho mais a sério. Já tu tens que vir com uma boa base de trás, e tu lembra-te comesças a jogar com 9 anos, o que tu queres é correr atrás da bola. Ali começam-te a ensinar que não tens sempre que correr atrás da bola, que tens que saber ocupar uma posição... Não te metem uma corda ao pescoço e te dizem a táctica é esta, mas dão-te uma ideia do que é estar num campo de futebol. É como a escola primária, ensinam-te o abc, e dos 9 aos 12 anos, numa equipa como era o Benfica, com uma formação muito boa, tinha uma formação muito boa, davam-te o abc do futebol. Eu lembro-me, quando cheguei aos iniciados, eu já tinha muita noção do que era o futebol. Uma das nossas diferenças, de jogar no Benfica, para as outras equipas de Lisboa, que eram as equipas que nós apanhávamos, era ter uma noção muito mais importante do que era estar em campo. Os outros miúdos continuavam a correr atrás da bola, e nós já não fazíamos isso. Já sabíamos jogar de primeira, já sabíamos como é que devíamos defender, como é que tínhamos que atacar..., e isso são bases que tu crias, lá está, são bases que tu crias numa equipa a sério, numa equipa de formação. No futebol de rua, se tu me mandares defender... eu digo oh..., mas há esta liberdade, e vais aprendendo tudo isto, e portanto juntas as duas coisas; são-te as duas muito úteis.

Bruno: *Fazendo uma retrospectiva do que foi a tua formação, o que gostarias que tivesse sido diferente?*

Rui Costa: Eu sinceramente, até nas entrevistas que dou hoje, eu realço sempre o trabalho que fizeram comigo no futebol juvenil do Benfica. E não queria mudar nada. Sinceramente, não queria mudar nada, porque ali eu tive tudo. Eu estive ali dos 9 aos 18 anos, portanto foram muitos anos, aprendi muita coisa. E hoje quando me perguntam como cheguei a grande jogador, ou como é que se chega a estrela do futebol mundial, eu digo que foi graças à formação que eu tive no futebol juvenil do Benfica; foi isso que me deu a base,

foi isso que me fez crescer como homem, como pessoa e sobretudo como jogador. Como disse à pouco, os infantis é como a escola primária, o Benfica, futebol juvenil foi a minha universidade. Eu tirei dali o canudo como vocês tiram das universidades.